



UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA



REPÚBLICA DE ANGOLA
EMBAIXADA EM PORTUGAL

Artes Mirabilis

Galeria de exposições da UCCLA
Fevereiro/Abril 2018

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos



Artes Mirabilis

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos

Agradecimentos:

Curador:

Lino Damião

Embaixada de Angola:

**Embaixador Marcos Barrica,
Adido Cultural Luandino de Carvalho**

Câmara Municipal de Lisboa:

Vereadora Catarina Vaz Pinto

Associação de Coleções The Berardo Collection:

Comendador Joe Berardo

Dr. Pedro Bernardes

Dr. Álvaro Silva

Aos colecionadores:

Alexandre Costa Lopes

Miguel Anacoreta Correia

José Sousa Machado

António Quaresma

Nuno Sacramento

Rodrigues Vaz

Alekssandra Carvalho

Luís Neiva

Pedro Ribas



Índice

2. Textos Introdutórios

- . **Vitor Ramalho** (Secretário-Geral da UCCLA)
- . **Carolina Cerqueira** (Ministra da Cultura de Angola)
- . **José Marcos Barrica** (Embaixador de Angola em Portugal)
- . **Lino Damião** (Curador da Exposição)
- . **Luandino Carvalho** (Adido Cultural da Embaixada de Angola em Portugal)
- . **Rui Lourido** (Coordenador Cultural da UCCLA)

15. Artistas, biografias e suas obras

76. Peças Etnográficas

Artes Mirabilis

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos

**TEXTOS
INTRODUTÓRIOS**



No ano em que se comemora a passagem do **43.º aniversário da Independência de Angola**, a UCCLA não poderia deixar de assinalar a efeméride de forma digna para com este país irmão nos afectos e nos interesses. Fazêmo-lo com uma exposição de artistas plásticos angolanos denominada “Artes Mirabilis, Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos” co-organizada com a Embaixada de Angola em Portugal, apresentando na nossa galeria obras de mais de cinquenta artistas e ainda de vinte peças etnográficas gentilmente cedidas para este efeito pelo sr. Comendador Joe Berardo. Estamos mais uma vez gratos a todos aqueles que disponibilizaram, para esta exposição, pinturas das suas colecções particulares. É a primeira exposição que a UCCLA leva a efeito em 2018 e este facto é obviamente intencional. Ela decorre das eleições gerais levadas a efeito em Angola, em 23 de Agosto de 2017, que abriram um novo ciclo político, económico e social para Angola e que tantas expectativas gerou e gera. Seria muito difícil assinalar a solidariedade devida a Angola, sem recurso à exibição de obras de arte da rica e facetada cultura do seu povo. A exposição atesta, ainda, a imorredoura relação dos povos de língua oficial portuguesa que

está sempre para além de situações conjunturais, que se deparam nessas relações.

Durante o período em que estará aberta ao público, que vai de 7 de Fevereiro a 4 de Abril, assinalaremos o início da luta armada pela Independência de Angola (4 de Fevereiro) e o Dia da Paz (4 de Abril). Não duvido que todos os que visitarem esta exposição sairão dela culturalmente mais enriquecidos, objectivo que a UCCLA sempre cuidou e cuidará.

Uma nota final de apreço é devida aos que tornaram possível a exposição, desde logo aos colaboradores da UCCLA, aos zelosos quadros da Embaixada de Angola, em particular ao Sr. Adido Cultural Luandino de Carvalho, naturalmente ao Sr. Embaixador Marcos Barrica que, em breve, nos deixará pelo termo das suas funções e que sempre nos presenteou com a sua amizade, à Camara Municipal de Lisboa e, por fim, ao sr. curador da exposição Lino Damião.

Vítor Ramalho

Secretário-Geral da UCCLA



A Cultura é a única riqueza de um povo que não depende das conjunturas políticas e sociais, dos sistemas económicos ou da ideologia dominante. Resiste a guerras e destruições, sofre mutilações, ataques demolidores, mas nunca perde valor. Angola é a prova viva dessa realidade. Apesar da longa ocupação estrangeira, de guerras infindáveis, do pesadelo da escravatura, o fabuloso mosaíco cultural angolano resistiu e no essencial, chegou incólume aos dias de hoje, como é visível nas peças de vários artistas angolanos apresentadas nesta exposição.

Estão de parabéns a Embaixada de Angola em Portugal e a UCCLA pela brilhante ideia de iniciar este evento, assinalando o dia 4 de Fevereiro, data em que celebramos o início da luta armada em 1961 contra o colonialismo, e cujo encerramento terá lugar no simbólico 4 de Abril, celebrado como o Dia da Reconciliação Nacional, em memória do fim do conflito armado em 2002, datas que servem de exemplo da heroicidade, magnanimidade e irmandade do povo angolano.

O mapa cultural de Angola é um prodígio e todos devemos felicitar os que durante séculos o construíram. Encerra a ex-

pressão máxima da criação dos seres humanos: várias línguas, belíssimas obras musicais, plenas de poesia e de ritmo, danças únicas e contagiantes, e uma estética plástica ímpar que resulta em obras que temos o privilégio de contemplar nesta mostra. Cada trabalho aqui exposto, representa um pequeno pedaço do rico, e variado mapa cultural e humano que é o nosso orgulho e será também o de todos os cidadãos do mundo que veneram e preservam o património da humanidade nas diferentes disciplinas artísticas.

Algumas peças de arte etnográfica presentes nesta exposição pertencem a regiões aonde outrora estiveram implantados reinos africanos. São marcas indeléveis traduzidas em objectos escultóricos, instrumentos musicais e utensílios do quotidiano, criações de artistas angolanos orgulhosos da sua angolidade e com uma atitude estética ímpar. Convidamos todos a deambularem pelos retalhos da Artes Mirabilis angolana seleccionados para esta exposição e mergulhar profunda e apaixonadamente na Cultura perene de Angola que também é da Humanidade.

Carolina Cerqueira
Ministra da Cultura de Angola



Tem na mão o catálogo da Exposição *Artes Mirabilis Angolana* — exposição colectiva de um conjunto de peças pictóricas e escultóricas a desfilar diante dos seus olhos. Resultado de longos anos de talentos emergidos em diversos contextos sociais, políticos e geográficos, este mosaico estético fabuloso revela a capacidade de criação artística de homens e mulheres de Angola de diferentes gerações, tendências e técnicas que remontam da ancestralidade até à contemporaneidade.

Juntos no pensamento e no desejo de fazer Angola acontecer em cada dia e em qualquer latitude, a Embaixada de Angola em Portugal e a UCCLA estabeleceram sinergias que agora convertem este espaço multicultural num ponto de (re)encontro plural, de diálogos inter-geracionais, de sensações e percepções intrínsecos da Alma Angolana. Uma Alma personificada na arte etnográfica, nas obras de artesanato, pintura, tapeçaria, fotografia... de esperança e certeza; arte e obras

motivadas e movidas na conexão dialéctica entre passado e presente com olhar no futuro duma História e Cultura mesmas.

Em razão da transversalidade temática, intemporalidade simbólica ou do valor patrimonial implícito do acervo em presença, esta exposição é, quiçá, a maior, a mais importante e mais diversificada mostra de artes plásticas angolanas alguma vez exibida em Portugal.

Deixo, pois, o meu profundo reconhecimento aos artistas, instituições, coleccionadores e organizadores que materializaram o sonho da Exposição *Artes Mirabilis Angolana*.

Bem-haja!

J. Marcos Barrica

Embaixador de Angola em Portugal



A exposição pela qual sou responsável é uma homenagem à arte angolana, trata-se na realidade da minha primeira experiência como curador, por isso antes de mais quero deixar aqui mencionado a minha eventual inabilidade para falar da grandiosidade que é este evento.

A mostra de obras patente divide-se em três núcleos: o primeiro “Culturas Ancestrais” - trata-se da apresentação de algumas peças etnográficas dos povos ancestrais de Angola, da coleção da Fundação Berardo; o segundo “Os Mais Velhos” - é uma mostra de obras contemporâneas do séc. XX e XXI de artistas consagrados; e o terceiro “Novos Ventos” - a apresentação de atuais produções de jovens artistas angolanos.

O propósito é levar-nos numa visita à Arte angolana, à sua grande e diversa expressão, começando pela riqueza das criações dos povos ancestrais, até aos dias de hoje, ao enorme e reconhecido potencial da arte contemporânea angolana. Uma arte rica em signos, símbolos e elementos culturais, marcada sem dúvida pela história política do país e pela influência do mundo globalizado. Uma arte que se distingue pela sua particularidade e originalidade, e que se afirma como verdadeiro manifesto da cultura angolana.

Estão patentes nesta exposição obras de artistas consagrados, alguns infelizmente não estão mais presentes entre nós, grandes mestres e percursores da arte contemporânea angolana - nomes como Roberto Silva, Neves e Sousa, Viteix, entre outros. Nas suas peças podemos identificar a forte expressão

cultural, que caracteriza a arte angolana, mas acima de tudo perceber o marco da viragem na arte angolana, a partir das diferentes releituras da arte africana, e com recurso a novas técnicas, que expandem os traços e aumentam a paleta de cores. Uma arte que rompe fronteiras e que se apresenta ao mundo.

A arte angolana afirma-se e dialoga com a nova era, trabalha e desenvolve-se nas correntes artísticas de enfoque e destaca-se pela sua génese e inovação.

Os artistas angolanos contemporâneos, dos residentes aos não residentes em Angola, apresentam trabalhos de grande amplitude artística, com uma linguagem universal. Mostra de um árduo trabalho de estudo e desenvolvimento da disciplina, extremamente exigente e competitiva. Percebemos nestes trabalhos a dimensão do percurso realizado e reconhecemos a sua riqueza e posicionamento no mundo das artes.

Em suma, considero que esta exposição de arte contemporânea angolana é uma afirmação da cultura em Homenagem aos nossos heróis, aos mortos e aos vivos, aos que fizeram e que fazem a nossa história.

É com muita honra e gratidão que participo neste evento como Curador. Foi uma experiência única e enriquecedora de conhecimento e investigação.

Quero agradecer às instituições envolvidas neste projeto, à UCCLA, à Embaixada de Angola em Portugal - em especial ao adido cultural Luandino de Carvalho, à Fundação Coleções

Berardo e ao Comendador Joe Berardo, aos coleccionadores Miguel Anacoreta Correia, José Sousa Machado, António Quaresma, Nuno Sacramento, Rodrigues Vaz, e Alekssandra Carvalho, Alexandre Costa Lopes e Pedro Ribas, por terem disponibilizado peças da sua colecção para esta exposição. Como não podia deixar de ser, um obrigado muito especial à minha família, a Cláudia Silva, Grupo Artístico - Os Nacionalistas, e a todos os amigos que tornaram possível a concretização deste projeto. Um grande kandandu a todos os artistas.

Ao povo angolano

À libertação e à paz

Comemoremos hoje !!!

Lino Damião

Curador da Exposição

A mostra que temos oportunidade de ter acesso é inédita por várias razões. Por ter uma amplitude temporal alargada, por abranger idades e personalidades díspares, resultando daí uma panóplia de estilos artísticos diferenciados.

Pela cultura, em particular pela literatura, um punhado de intelectuais lançou o grito *Vamos Descobrir Angola* que ecoou nos corações dos nossos antepassados até ao desencadear da Luta Armada de Libertação Nacional, no dia 4 de Fevereiro de 1961. Foi para defender a nossa Cultura, que nos debatemos contra os invasores estrangeiros, alcançamos a Independência e derrotamos o regime racista de Pretória no Triângulo do Tumpo, à vista do Cuito Cuanavale. Assim libertamos a Humanidade do regime do apartheid. A miscelânea cultural de Angola permitiu forjar no terreno da luta, Um só Povo que laboriosamente construiu Uma só Nação. Esse inconformismo cultural dos nossos antepassados teve o engajamento de outras áreas da arte. Juntaram-se à corrente literária, músicos, dançarinos, actores, desportistas, artistas plásticos e homens e mulheres que queriam ser livres. Essa energia cultural foi o elixir para chegarmos à Independência, em 1975, e à Paz efectiva, 35 anos depois!

De entre as inúmeras vitórias culturais que Angola teve ao longo da sua existência como Nação, destaco duas, que são emblemáticas: o Prémio Leão de Ouro da Bienal de Veneza de 2013 e a classificação de Mbanza Kongo a Património Cultural da Humanidade em 2017. Esta exposição tem também um perfume destes dois eventos.

Uma parte da nossa angolanidade e do nosso génio criador está aqui, na sede da instituição que junta as Capitais e Cidades dos países que falam português. Como se pode ver, temos muita Arte e muita Cultura para partilhar.

A sinergia criada entre a Embaixada de Angola em Portugal, a UCCLA e outras instituições, reveste-se de um simbolismo grandioso e reforça a ideia que vai de encontro aos objectivos preconizados por quem quer fazer desta união entre culturas, uma exaltação à arte sem fronteiras mas respeitando sempre as características de cada povo.

Para terminar deixo aqui agradecimentos especiais à Sra. Ministra da Cultura de Angola, Dra. Carolina Cerqueira, pelo imediato apoio institucional prestado pelo Ministério da Cultura, ao Sr. Embaixador José Marcos Barrica pela disponibilização de uma parte valiosíssima da colecção de obras de arte da missão diplomática de Angola em Portugal, ao Dr. Victor Ramalho pelo seu sempre incansável engajamento da UCCLA nestas acções culturais, ao Comendador Joe Bernardo pela possibilidade que nos proporcionou na escolha das raras peças etnográficas de várias regiões de Angola do acervo da sua Fundação, aos colecionadores José Sousa Machado, António Quaresma, Nuno Sacramento, Rodrigues Vaz, Alekssandra Carvalho e Pedro Ribas, e aos familiares dos artistas que já não estão entre nós e que disponibilizaram as suas obras. À equipa dos Serviços Culturais da Embaixada de Angola e a toda a equipa da UCCLA, por tudo!

Uma última palavra de apreço ao curador Lino Damião que assumiu com elevado espírito patriótico a difícil selecção das obras desta mostra. Um jovem artista plástico emprestado à curadoria que tem desenvolvido um trabalho árduo de valorização das artes plásticas angolanas em Portugal.

A Cultura Angolana agradece!

Luandino Carvalho

Adido Cultural da Embaixada de Angola em Portugal

A UCCLA, União de Cidades Capitais de Língua Portuguesa (fundada há 33 anos), organiza juntamente com a Embaixada de Angola e com o apoio do Ministério da Cultura de Angola e da Câmara Municipal de Lisboa, a exposição “Artes Mirabilis, Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos”, que vai decorrer de 7 de Fevereiro a 4 de Abril de 2018.

Tem por objetivo divulgar a Cultura de Angola do passado ao presente, assinalando 2 datas muito significativas para Angola: o 4 de Fevereiro (dia do Início da Luta Armada pela Independência) e o 4 de Abril (dia da Paz).

Esta exposição, cujo curador é o artista Lino Damiano, integra 55 artistas angolanos dos séculos 20 e 21 e um núcleo de 20 peças etnográficas (das Coleções do Comendador Joe Berardo) que demonstram as raízes ancestrais das culturas angolanas.

Para a UCCLA a presente exposição dá continuidade a um novo rumo estratégico cultural, de forma a potenciar as novas instalações, com exposições e outras iniciativas culturais de grande qualidade artística a nível nacional e internacional, como a exposição “Conexões Afro-Ibero-Americanas”, que organizámos em 2017 e foi inaugurada pelo Sr. Presidente da República de Portugal. A presente exposição dá início a um conjunto de exposições coletivas que darão visibilidade aos países e cidades do mundo que se expressa em Língua Portuguesa.

Com base na promoção dos autores de Língua Portuguesa, a UCCLA não deixará de ampliar a sua acção a outras realidades culturais e sociedades sempre que tal se justificar. É nossa estratégia integrar as novas instalações (que partilhamos com a Casa da América Latina) no circuito museológico e cultural da área de Belém, onde nos inserimos, por razões de localiza-

ção geográfica. Com a qualidade artística das obras apresentadas nas exposições, pretendemos contribuir para marcar a diferença na cidade de Lisboa com a apresentação de obras de autores originários dos países de Língua Portuguesa, como hoje fazemos com Angola, dos mais famosos aos mais jovens, cujas obras reflitam a realidade das respetivas sociedades e as interinfluências exercidas pela circulação de ideias, técnicas e diferentes sensibilidades do nosso mundo globalizado.

Assistimos atualmente, em alguns países, ao surgimento de ameaças à multiculturalidade das sociedades e aos movimentos migratórios, exacerbados dramaticamente por guerras e conflitos diversos. Seja pela propaganda de valores isolacionistas e xenófobos, seja pela construção de sucessivos muros e políticas segregacionistas e repressivas contra minorias. Estas dificuldades levam a UCCLA a afirmar (nomeadamente através das suas acções concretas, desde projectos de apoio ao desenvolvimento sustentável, a acções culturais multifacetadas como, aos encontros anuais de escritores dos Países de Língua Portuguesa, ao concurso e respetivo Prémio Anual UCCLA de Literatura e às mostras artísticas, como na presente exposição), que a diversidade cultural e a interinfluência de culturas, é uma mais-valia no presente e no futuro, e que são uma grande riqueza dos nossos Povos.

Artes Mirabilis partilha a perspectiva de fazer das acções culturais e artísticas não só uma mera apresentação de peças de arte, mas que a escolha dessas peças possa representar mais um elemento de ajuda à compreensão não só dos autores e das suas comunidades e sociedades de origem, bem como das complexas relações entre elas e o papel do ser humano neste mundo em mudança.

O programa artístico desta exposição, da responsabilidade

do curador Lino Damião, a quem muito agradecemos o empenho e a qualidade da sua seleção de obras, está organizado em três núcleos: “culturas ancestrais” - que envolve as obras etnográficas dos ancestrais Povos de Angola, provenientes da Associação de Colecções The Berardo Collection; o segundo núcleo “Os mais Velhos” - envolve no fundamental os grandes artistas angolanos consagrados no século 20; e o último núcleo “Novos Ventos” – envolve as jovens gerações de angolanos do século 21 e as obras produzidas sob os condicionamentos da atual globalização. Temos de referir que Artes Mirabilis, por motivos de força maior, só pode reunir e expor as obras que já estavam fisicamente em Portugal.

Através deste programa expositivo pretende-se deixar patente não só o mérito das obras, mas também o diálogo de gerações de autores de diversas correntes artísticas, e a complexa e dialética relação entre a afirmação identitária de autores e a afirmação identitária de espaços ancestrais e contemporâneos, que irrompem nas mais díspares formas de expressão artística representadas em *Artes Mirabilis*, nomeadamente, da pintura, à escultura, da fotografia à tapeçaria e cerâmica, revelando-nos uma grande capacidade de miscigenação cultural. Podemos assim assistir, num percurso expositivo previamente planeado, à pulsão da origem angolana influenciando a renovação da criação artística e ao lançamento de múltiplas propostas, por vezes de contraditórias percepções, mas sempre projectando no Futuro, novas linhas de desenvolvimento artístico.

Desejamos que esta exposição possa contribuir para que o visitante formule interrogações, questionando-se a si próprio e à realidade que nos rodeia, contribuindo para uma melhor compreensão das múltiplas tendências e conexões das artes Angolanas.

O arco-íris da paleta cromática e das concepções inerentes às obras apresentadas e a participação de artistas celebres, de gerações mais velhas, juntamente com novos e promissores talentos, funciona igualmente, como mais um alerta para a importância dos valores democráticos, da participação cívica, do desenvolvimento pacífico e sustentável, do aprofundamento da convivência multicultural e da tolerância na resolução das naturais tensões que se refletem nas sociedades, enquadrando muitas das obras expostas e que são a base da liberdade criativa!

Finalmente agradecer às instituições que gentilmente acederam a colaborar connosco, neste apaixonante trabalho de mostra de uma parte da Cultura de Angola. Primeiramente ao Embaixador de Angola José Marcos Barrica, por aceitar ser co-organizador desta *Artes Mirabilis*, emprestando um conjunto de obras da colecção de arte da missão diplomática de Angola em Portugal. Ao Comendador Joe Berardo pela sua incansável disponibilidade e apoio, através do empréstimo de 20 peças etnográficas e de 6 quadros de 4 artistas angolanos das Associação de Colecções The Berardo Collection. Gostaríamos de agradecer igualmente o empréstimo de obras aos colecionadores Miguel Anacoreta Correia, José Sousa Machado, António Quaresma, Nuno Sacramento, Rodrigues Vaz, Alekssandra Carvalho e Pedro Ribas, bem como a todos os artistas que cederam peças e aos herdeiros dos artistas que cederam as suas obras.

ARTES MIRABILIS apresenta perante os nossos olhos a profundidade de diferentes formas de expressão da CULTURA de ANGOLA, que na diversidade das suas perspectivas, são um enriquecimento ao património imaterial da Humanidade!

Rui Lourido

Coordenador Cultural

Artes Mirabilis

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos

**ARTISTAS,
BIOGRAFIAS
E SUAS OBRAS**



Albano Neves e Sousa
Albino da Conceição José
Álvaro Macieira
Ana Silva
Ana Sousa Santos
Andreia Pedro
Anna Rocheta
António Magina
António Ole
Armanda Alves
Augusto Ferreira
Binelde Hyrcan
Blackson Afonso
Boaventura Nzangela Simão
Carlos Bajouca
Carlos Ferreira
Cristiano Mangovo
Daniela Ribeiro
Dila Moniz
Dília F. Samarth
Domingos Barcas
Edson Chagas
Eleutério Sanches
Erika Jâmece
Francisco Vidal
Gil (Gil Eanes Silva)
Guilherme Mampuya
Guizef (Augusto Zeferino Guilherme)
Hildebrando de Melo

Januário Jano
Jorge Gumbe
José ZAN Andrade
Júlio Quaresma
Kota "50" (Paulino Damião)
Ledani (Leda Baltazar)
Lino Damião
Luandino Carvalho
Luandino Vieira
Luís Damião
Márcia Dias
Marco Kabenda
Mário Tendinha
Nelo Teixeira
Patrícia Cardoso
Paulo Jazz
Paulo Kapela
Raul Indipwo
Roberto Silva
Tânia Dominique (Projecto MuArte)
Tucunaré (Mário Lopes Júnior)
Valentim Caterça
Van (Francisco Van-Dúnem)
Vénus Ivy (Projecto MuArte, Ivânia Sobral)
Viteix (Vitor Manuel Teixeira)
Xicofran (Francisco Fernandes)
Z Mig (José Miguel Sousa e Andrade)
Zizi Ferreira (Graça Ferreira)

Albano Neves e Sousa

1921-1995 / Matosinhos

Nasceu no ano de 1921, em Matosinhos, Portugal. Fez a sua primeira exposição aos quinze anos e trabalhou na recolha de elementos etnográficos de pintura, integrado na Missão de Estudos Etnográficos do Museu de Angola.

Em 1943 obteve uma bolsa de estudos para estudar em Portugal e fez o curso superior da Escola de Belas Artes do Porto. Regressou a Luanda passado nove anos. O seu trabalho desenvolveu-se em diversas vertentes, como o desenho, poesia, literatura, etnologia, embora a pintura fosse a sua base artística. Retratou a Europa, o Brasil e sobretudo a sua relação com África, em particular Angola.

Participou em exposições em muitas cidades de Angola, mas também na África do Sul, Brasil, Espanha, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Venezuela.

Em 1975, a convite das Linhas Aéreas de Angola, foi o responsável pelo *design* do interior de novos aviões Boeing 737. Está representado em diversos museus nacionais e internacionais de várias cidades, em Angola, em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian e Museu Nacional da Arte Contemporânea, em Lisboa; Museu Soares dos Reis, no Porto, e Ovar; e ainda nas cidades de Maputo, Pontevedra, em Espanha e Fortaleza, no Brasil. Está igualmente representado em colecções particulares em Espanha, Bulgária, Suíça, Holanda e Portugal.



A Rapariga da Quissama

Recebeu o 1.º Prémio de Aguarela da 1.ª exposição de Artes Plásticas de Luanda; o 1.º Prémio Pastel (1967) na exposição da Câmara Municipal de Luanda e, ainda, uma medalha de ouro de desenho pela Academia de Pontzen, Nápoles (1974). Foi agraciado pelo governo português com a Comenda do Infante D. Henrique (1963) e com a Comenda da Ordem de Mérito (1993). Faleceu a 11 de Maio de 1995, em Salvador da Bahia, Brasil.

Albino da Conceição José

1963 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1963, e aí fez os seus estudos, primário e secundário, este último já na vertente de Educação Física. Em 1990 terminou a sua licenciatura em Pedagogia Desportiva e Treinamento de Andebol, em Sófia, na Bulgária.

Desde muito jovem mostrou ter gosto pela pintura, datando de 1976 a sua primeira obra. O seu percurso profissional foi feito no mundo do desporto, tendo tido, inclusivamente, cargos governamentais nessa área, e chegando a Ministro da Juventude e dos Desportos do Governo Angolano até muito recentemente. O que pensa Albino da Conceição sobre a sua pintura, a que chama os “meus borrões”? Ele próprio responde.

“MEUS BORRÕES

Não dialogo com minhas cores. Misturo-me com elas e fazemos borrões que se harmonizam nas telas. Não dialogo com as cores; pinto-me nelas e sou o começo do traço.

Sou a marca. O borrão.

Sou também pintura que escreve sentimentos que acordam comigo e retomam imagens saídas por aí.



Ira do Animal

As cores dizem-me coisas sem voz, que eu oiço no acariciar do lençol que se ergue perante mim e coloco meus borrões para em vossos olhos construir e descrever imagens que estão por aí. Imagens que podem ser essas. Podem ser outras em qualquer sítio e saídas de outros sonhos. Saídas de outras mãos que as criaram.”

A partir de 2015, Albino da Conceição começou a expôr as suas obras em eventos colectivos: Galeria dos Desportos, Luanda em 2015, exposição em alusão à cidade de Luanda, em 2016, e individuais: “Pinturas do Coração”, Academia BAI, Luanda, no biénio de 2015/2016 e, já em 2017, a individual intitulada “Reflexos”, na Galeria Nuno Sacramento, Ílhavo, Portugal.

Álvaro Macieira

1958 / Uíge

Nasceu no Uíge, Angola, em 1958. Artista plástico, jornalista, escritor, poeta e consultor cultural, é membro da União dos Escritores Angolanos e da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP). Conquistou o prémio de pintura Ensarte em 2002. No mesmo ano foi premiado como Melhor Pintor do Ano pela “Revista Tropical” e pela Televisão Pública de Angola.

As suas obras já foram expostas em Lisboa, Paris, Washington, Moscovo, Berlim, Bona, Bremen, Cuxhaven, Hannover e Abuja, entre outras cidades. Já fez mais de trinta exposições individuais e participou em mais de quarenta colectivas. Juntamente com o alemão Horst Poppe e o angolano Augusto Ferreira, fundou, em 2002, o Grupo Conexão Cultural. Com Horst, Álvaro fez várias exposições e pintou 108 obras de pequenas e grandes dimensões. Em 2009, três das suas obras estiveram expostas no Nord Art, tida como a maior exposição colectiva de artes plásticas daquele ano, realizada em Randsburg, na Alemanha. No mesmo ano realizou ainda a exposição Mambo Metu, no Instituto Camões / Centro Cultural Português, em Luanda.



Angola Terra Quente de Lembranças Tenues III

Realizou ainda os projectos e exposições “África Mitológica”, no Instituto Camões, “Terra Una e Signos da Terra”, no Salão Internacional de Exposições do Museu de História Natural, “Catanas da Paz e Terra Azul” no átrio da sede do Banco de Poupança e Crédito, “Luanda Kianda – Cores da Terra” no edifício-sede da Sonangol e “Angola Muxima Wami”, no Instituto Camões.

Ana Silva

1979 / Calulo



S/ título

Nasceu no Calulo, Kuanza Sul, Angola, em 1979. Desde os doze anos que se dedica às artes, expressando-se pela pintura, instalação e escultura e expondo as suas obras com frequência, desde 2000. Vive e trabalha em Portugal mas passa muitas temporadas em Angola. Para a sua formação como artista fez um *workgroup* de pintura e escultura dirigido por Hart Berg, no Elinga Teatro, em Luanda, e frequentou o curso superior de desenho e pintura do AR.CO, escola de arte independente de Lisboa. É entre estas duas cidades que participa em exposições colectivas e individuais. Para os seus quadros inspira-se na mulher, na infância, na maternidade e em situações sociais. A artista, que se define como tendo “uma vertente surrealista”, também trabalha em *design* de moda, e assina uma linha exclusiva de colares.

Ana Sousa Santos

1994 / Malange

Nasceu em Malange, Angola. Aos dois anos de idade partiu para Portugal, recebeu a sua educação no Porto, na área das Ciências Humanas. Como professora regressa a Angola e durante alguns anos acumulou e registou hábitos e costumes das populações autóctones. Voltando a Portugal, frequenta as aulas da Sociedade Nacional de Belas Artes. Trava conhecimento com o Professor Doutor Mendes Correia, que a aconselha e estimula a enveredar pela carreira das Ciências Humanas. Entra para a Divisão de Etnologia e Etnografia do Instituto de Investigação Científica de Angola e dedica-se inteiramente à pesquisa etnográfica.

Em 1963 realiza uma exposição baseada nas características do vestuário e adornos de diversas etnias de Angola. Em 1965 apresenta a referida exposição em Portugal, Japão, Argentina, Suíça e Rússia, EUA (Flórida, Ohio, Nova Iorque), Brasil, tendo Lisboa como ponto de partida. Uma análise dos elementos decorativos da Arte Cókwe foi determinante para posteriormente a artista materializar um trabalho em conexão com essa arte, trabalho apresentado em 1976 e 1984 em Luanda.



S/ título

Andreia Pedro

1985 / Luanda

Nasceu em 1985, em Angola. Desde muito nova manifesta gosto pelo desenho. No secundário estuda Artes Plásticas e Cerâmica. Tirou a sua licenciatura em Design de Cerâmica e Vidro na Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha (2011), tendo concluído o terceiro ano em Artes Decorativas na ESAD — Escola Superior de Artes e Design de Lisboa (2012) e Mestrado em Design de Interiores (2014) na mesma escola.

Trabalhou na empresa K'Estilo, em Luanda, na qualidade de Designer de Interiores onde desenvolveu e acompanhou projectos de decoração 2D e 3D. Depois dessa experiência segue o currículo em vertentes semelhantes nunca dissociando os gostos combinados do desenho e da criação. Desde 2015 trabalha na empresa Cipro Group, em Viana, como designer de interiores e arquitectura, desenvolvendo projectos de decoração, fiscalização e execução de obras.

Expôs as suas peças de cerâmica da cultura angolana, numa exposição intitulada "Etuku", na Casa de Angola, em Portugal (2017). *Etuku* é um termo proveniente da língua nacional Kikongo que, em português, significa "origem/princípio" ou "estou aqui". A artista explora de uma forma criativa os traços da identidade cultural étnica de diferentes zonas do seu país, as suas simbologias e seus rituais tradicionais.



S/ título

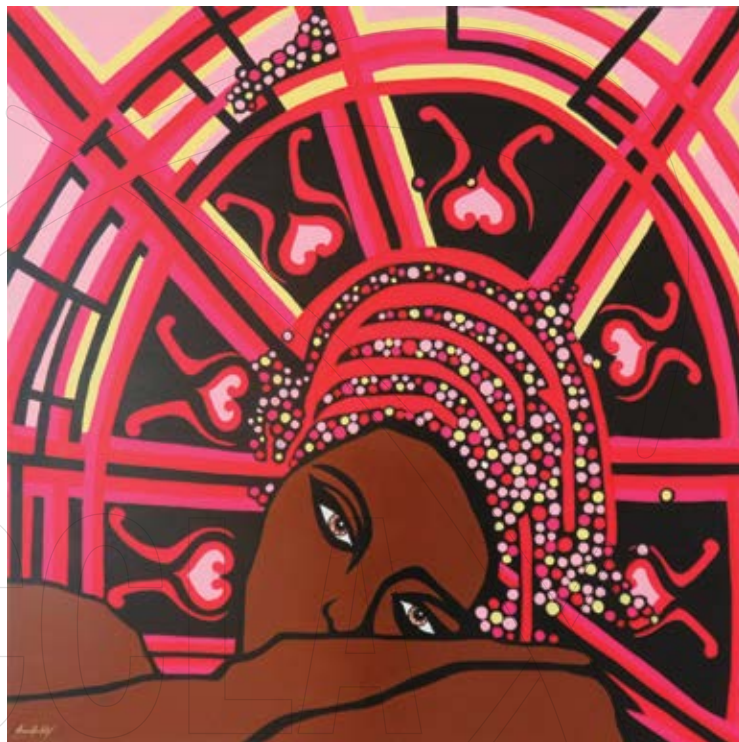
Anna Rocheta

1965 / Huambo

Natural de Huambo, Angola, fez formação em Arte e Design na University of the Arts, London Central Saint Martin. Iniciou a sua carreira como *designer* de moda e acessórios em 1998 e, em 2013, iniciou o seu percurso como pintora.

A artista já realizou inúmeras exposições individuais, entre as quais referimos apenas algumas. Em Portugal: "Pedaços de Alma", Albufeira, Galeria Seisaoquadrado e Lisboa Café, Lisboa. "Alma de Mulher", Capela de Santiago, Monsaraz, em 2013. "Alma Angolana", sede TAAG, Lisboa, Casa de Angola, Lisboa (2014). "Alma de Deusa", Casino de Lisboa; exposição "Woman Flower", Hotel Pestana Sintra Golf & Spa (Beloura), Hotel Pestana Cascais, "Color View", Galeria de Arte da Junta de Freguesia de Cascais, exposição "Colors Soul", Hotel NH Liberdade (2015); "United Colors", Galeria do Centro Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada (2017).

Destacam-se igualmente algumas das suas participações em exposições colectivas, em vários países: A Galeria, Lisboa, "Mãe Negra", obra vencedora do prémio Dia da Dãe (2013); Vera World Fine Art Festival, Lisboa, com dez obras e nomeação prémio VERA para a subcategoria de pintura pela aplicação inovadora de materiais conhecidos (2014); exposição "Multiplicidades", Ordem dos Médicos do Porto;



Deusa Amor

V Biental de Culturas Lusófonas, Centro de Exposições de Odivelas (2015). Exposição de obras na Galeria Art Nest em Xangai; exposição no Consulado do Equador, em Milão, Itália; Gala Laços do Coração no Instituto de Cardiologia Preventiva do Prof. Dr. Fernando Pádua com doação da obra "Deusa Luz"; doação da obra "Nono Guerreira" à Associação Os Aprendizes da Nono (2016). "A Paiã em Arte", Galeria D. Dinis do Centro de Exposições de Odivelas (2017).

António Magina

1963 / N'Zeto

Natural da cidade de N'Zeto, no norte de Angola. Em 1991 muda-se para Portugal, onde aperfeiçoa as suas técnicas, sendo notória a evolução no domínio da escultura em pedra, em particular, mármore e granito, e em bronze. Artista desde tenra idade, o seu primeiro contacto com a escultura ocorreu quando tinha cerca de treze anos. António Magina morreu em Lisboa, Portugal, em Outubro de 2011.

Entre as inúmeras exposições individuais e colectivas que realizou em vários países, mencionam-se algumas a seguir.

Em 2004, expôs na Arte Estoril, Centro de Congressos, no Estoril; Pedras e Cores na Galeria da Junta de S. João de Brito; Semana Cultural de Angola, no Porto; IX Exposição Internacional de Artes Plásticas, na Vendas Novas; Casa de Angola, Lisboa; Colectiva Galeria Municipal Artur Bual, na Amadora. Em 2005, na Colectiva de Pintura e Escultura, Galeria Óptica, em Lisboa; Bienal de St.ª Catarina da Serra; Bienal da Festa do Avante, no Seixal; Colectiva de Artistas de Leiria.

Em 2006 apresentou obras suas na 12.ª Exposição Internacional de Artes Plásticas de Vendas Novas; "Tons e Texturas da Angolanidade", no Museu da América, Madrid; "As Formas e As Cores", Galeria de Arte do Casino do Estoril; "Arte da Paz",



Entrelaçados

na Galeria Matos Ferreira; "Arte na Planície", em Montemor-o-Novo; Colectiva na Malaposta, Odivelas e, em 2007, na Bienal da Lusofonia, em Odivelas.

António Ole

1951 / Luanda

Artista plástico, fotógrafo e realizador angolano, António Ole nasceu em 1951, em Luanda. Em 1975, formou-se no American Film Institute, em Los Angeles e, entre 1981 e 1985, estudou cultura afro-americana e cinema na Universidade da Califórnia, onde obteve o diploma do Center for Advanced Film Studies. Desde 1975 dirige vários documentários e vídeos sobre a vida e história de Angola. O filme "O Ritmo do N'Gola Ritmos" sobre o popular grupo musical angolano dos anos cinquenta e sessenta só foi exibido onze anos mais tarde, dado o conflito entre o líder do grupo e o MPLA. Inspirado no passado e no presente de Angola, António Ole aborda sobretudo as temáticas da colonização, da guerra civil, da fome, dos conflitos sociais, da explosão demográfica em Luanda.

Na área da fotografia, o artista começou por fotografar famílias angolanas. António Ole faz montagens fotográficas, intitulando-as "Acidentes pelo caminho", ou desenvolve o seu projecto "Sal", onde fotografa vários aspectos da extracção e uso do sal como matéria-prima. Como artista plástico, Ole cria esculturas inspiradas nas pinturas murais dos Tchokwe, a leste do país, e produz pintura moderna, cuja originalidade está vinculada pelos elementos tradicionais utilizados. Em 1970,



série. "Paisagens domésticas"

aos dezanove anos, chamou a atenção do público e da crítica para a sua pintura, quando, no IV Salão de Arte Moderna de Luanda, expôs um quadro representando o Papa Paulo VI a tomar a pílula. Realizou a sua primeira exposição em 1967 e, desde a sua estreia internacional, no Museum of African American Art, em Los Angeles, em 1984, os seus trabalhos têm sido apresentados em várias exposições, bienais e festivais, como em Havana, São Paulo, Expo'92, em Sevilha, Berlim, Joanesburgo, Dakar, Amesterdão e Veneza. António Ole, artista angolano cuja reputação se estendeu além-fronteiras, vive e trabalha em Angola.

Armanda Alves

Calulo

Nasceu em Calulo, Angola. Vive há alguns anos em Portugal e, durante muito tempo, pintou apenas por prazer. Expôs pela primeira vez, individualmente, em Luanda, em 2008, na Galeria Celamar.

Essa primeira experiência deu-lhe um sentido diferente e uma paixão ainda maior pela arte.

Autodidacta, abstracta e ecléctica nas formas, na técnica e nos suportes que utiliza, Armanda Alves não usa pincéis, apenas os dedos das mãos, para colorir as telas, numa constante procura de novas técnicas, através da utilização de utensílios e ferramentas de pintura.

Das exposições individuais, a mais recente foi em 2017 a exposição "Entre o Céu e a Terra", no Centro de Documentação do Edifício Central do Município, Lisboa; em 2016 "Versatilidades", na Casa de Angola, Lisboa; em 2015 "O Cheiro D'África", no Centro Cultural da Academia BAI, Luanda; em 2014 a exposição "Percursos", na Galeria Verney/ Colecção Neves e Sousa, em Oeiras; em 2012 na Zentrum Paul Klee, tal como em 2011, na Liga dos Combatentes, Luanda e em 2008 na Galeria Celamar, Luanda.

Das exposições colectivas destacam-se: "Convergências", Exposição Escultura e Pintura, Galeria Baag Best Art & Artist Gallery, em Lisboa, 2018; em 2013 participa na colectiva no Museu do Trabalho Michel Giacometti; em 2012 na Exposição Internacional Expo, em Yeosu, e, em 2011 na Feira d' Arte Contemporânea.



Dualidade do Ser

Augusto Ferreira

1946 / Xá-Muteba



Apelo

Nasceu em 1946, em Muteba, Angola. Autodidacta, com formação familiar, em desenho e pintura, dedica-se exclusivamente às artes plásticas. Membro efectivo da União Nacional dos Artistas Plásticos de Angola (UNAP), é autor da maioria dos selos de correio editados em Angola após a Independência.

Da extensa lista de participações em exposições colectivas, destacam-se a Festa dos Finalistas da Escola Técnica, Sede da Mocidade Portuguesa, Malange, Angola (1963), em que obteve o 1.º Prémio; Museu de História Natural, Luanda (1974), onde foi galardoado com o 1.º Prémio de Pintura; Comemoração do 1.º de Maio, Museu de História Natural, Luanda (1975); Museu de História Natural, 1.º Aniversário da Independência de Angola, Luanda (1976), que lhe valeu o 2.º Prémio; Hotel Meridien, Luanda (1986);

2.ª Bienal do CICIBA, Kinshasa, Zaire (1987); Exposição Itinerante de Artes Plásticas Angolanas, Porto, Portugal (1987); Exposição Itinerante de Artes Plásticas Angolanas em Lisboa (1987). Realizou treze exposições individuais, entre 1983 e 1997: na Festa do Avante, Pavilhão de Angola, Lisboa, Portugal (1983); no Centro Comercial Internacional do Zaire, Kinshasa, Zaire (1986); Museu Nacional de História Natural, Luanda, Angola (1987); Centro de Cultura e Informação da INTOURIST, Tachkent, Uzbequistão (1987); Palácio D. Manuel, Évora (1989); Festas Populares do Mar, Namibe, Angola (1990); Galeria da UNAP, Luanda (1990) e no Centro Cultural Português, Luanda (1997).

Augusto Ferreira está representado em diversas colecções, nomeadamente em Angola, no Museu de História Natural, Luanda, no Palácio do Governo, Benguela; no Banco Nacional de Angola, Luanda; na União dos Escritores Angolanos, Luanda; na União Nacional de Artistas Plásticos, Luanda; na residência do Presidente da República, Luanda; e, ainda, no Museu de Arte Africana, Havana, Cuba, na Galeria Nacional de Arte Josip Broz Tito, Jugoslávia, entre outras.

Binelde Hyrcan

1982/Luanda

Nascido em Luanda, Angola, onde vive e trabalha. Estudou artes plásticas no Mónaco e a sua produção artística passa pela escultura, pintura, *design*, videoarte e *performance*. Os diferentes suportes são mecanismos utilizados pelo artista para reflectir paradoxos e complexidades, de costumes e atitudes político-sociais, criticando, desta forma, estruturas de poder e vaidade humana.

O artista tem vindo a desenvolver projectos artísticos em várias cidades espalhadas por todo o mundo.

Das suas exposições individuais destacam-se a abertura da 2.ª Trienal de Luanda, Angola (2016);

No Restriction, Il Columbia Galley, Mónaco (2014).

Uma selecção das suas exposições colectivas inclui:

How to Live Together, Kunsthalle Vienna, Áustria

(2017); Gran Turismo, Centre Pompidou, Paris,

Capital Debt – Territory – Utopia, Nationalgalerie,

Hamburger Bahnhof, Berlim (2016); 56.ª edição

da Bienal de Veneza, artista representante de Angola com o tema All the Worlds Futures (2015);

No Fly Zone, Museu Berardo, Lisboa, e Transit, Bienal

de São Paulo, Brasil (2013). É um promissor autor

da nova geração de artistas plásticos angolanos.



Since 1978

Blackson Afonso

Uíge

Nasceu no Uíge, no norte de Angola. De etnia bakongo, pertencente ao grande grupo étnico Banto, vive em Portugal desde os oito anos e desde criança teve consciência da sua alma de artista. Quando muito jovem fez desenho, pintura e banda desenhada, optou pela área de Artes no secundário e depois seguiu Arquitectura.

Uma viagem a Budapeste deu-lhe a oportunidade de reconhecer que a pintura era realmente a sua mais profunda inclinação artística e acabou por estudar pintura naquela cidade. De regresso a Lisboa, Blackson sente-se envolvido e inspirado pela cidade. E diz: "A vida social em Lisboa traz-nos uma espécie de vida boémia. Lisboa é toda ela arte, para mim. E isso, ligado ao que eu sempre fui, um artista, fez com que me desligasse um bocado da arquitectura e apostasse na pintura e nas artes plásticas. Já tinha muita coisa comigo mas nunca mostrei a ninguém. Sempre fui muito reservado nessas coisas. Entretanto, com algum encorajamento das pessoas à minha volta, esposa e família, comecei a mostrar alguns trabalhos nas redes sociais.

Tive uma aceitação muito boa por parte do público e foi a partir daí que comecei a ter convites para exposições."

Actualmente, alguns dos seus trabalhos podem ser vistos no LX Factory, em Lisboa, na Loja da Preta,



Mixtape #1

um espaço que vende essencialmente tecidos africanos. O pontilhismo e as cores de Blackson Afonso estiveram expostos na Casa de Angola, em Lisboa, em Novembro de 2017, na mostra intitulada "Raiz", uma mostra sobre a Independência de Angola e o futuro do país, representado nas crianças que serviram de inspiração para este projecto.

Boaventura Nzangela Simão

Nasceu em Angola. Escultor e pintor. A diversidade das suas peças, alvo de leilão, inclui pintura a óleo sobre tela e esculturas de pau-preto. Retractando utensílios do quotidiano, as presas de elefante esculpidas, as máscaras tribais e/ou cerimoniais e símbolos de clãs, elementos de maior referência do artista.

Expôs as suas peças na Cooparte 2007, Galeria Celamar, Luanda, ano da homenagem ao mentor cerâmico Afonso Matondo, ex-Secretário da União de Artistas Plásticos (UNAP).

Participou, igualmente, num trio angolano-brasileiro que organizou, em conjunto com Virgínia Romão e Andrea Barth, um agregado que evoca o surrealismo, e as constantes crenças “hidrogónicas” — a ilha das duas sereias e os píncéis das duas “kiandas”.

“O campo das tradições foi explorado, no domínio da pintura a óleo, por vários artistas de alto nível a exemplo do excelente Boaventura Nzangela Simão” (leiloeira p.55).



Experiência Máscara

Carlos Bajouca

1955 / Lobito

Nasceu no Lobito, em 1955, e veio para Portugal em 1976, onde estudou Escultura e Cerâmica com o Mestre Soares Branco.

"Conhecer Carlos Bajouca é mais fácil através da contemplação da sua obra. Pessoalmente, conheci-o em Sesimbra, ou melhor no Meco, seu local de paixão (...). A volúpia das curvas, a feminilidade dos corpos de deusas férteis, rotundas, sensuais e misteriosas foge perfeitamente à realidade lusa. O eco de animais exóticos e as formas de outras histórias de embalar, de onde o embondeiro reina silencioso sobre os sonhos das crianças que dormem a sesta no calor da Terra Mãe...

Figuras totêmicas, hieráticas, claramente surrealistas, mas imbuídas de uma gramática que, ao mesmo tempo, é estranha e próxima, que ao mesmo tempo revela África e Europa, como se no Meco se recriasse um tempo perdido que agora apenas vive na memória e no calor de velhas amizades que nunca morrem.

O Meco é a sua terra de adoção e o ponto de partida para as suas aventuras artísticas onde Hans Varela e Moisés Preto Paulo são dois nomes incontornáveis.

Com uma vasta obra de «Arte Pública», está representado em Sesimbra, Amadora, Qta. do Conde, Meco, Aljezur, Rogil, Sintra, Almada, Herdade da Aroeira entre outros, surgindo em várias coleções particulares em Portugal, Espanha, França, Grécia e ainda nas coleções de diversos organismos oficiais como, Fundação AFID, Fundação OURO NEGRO.



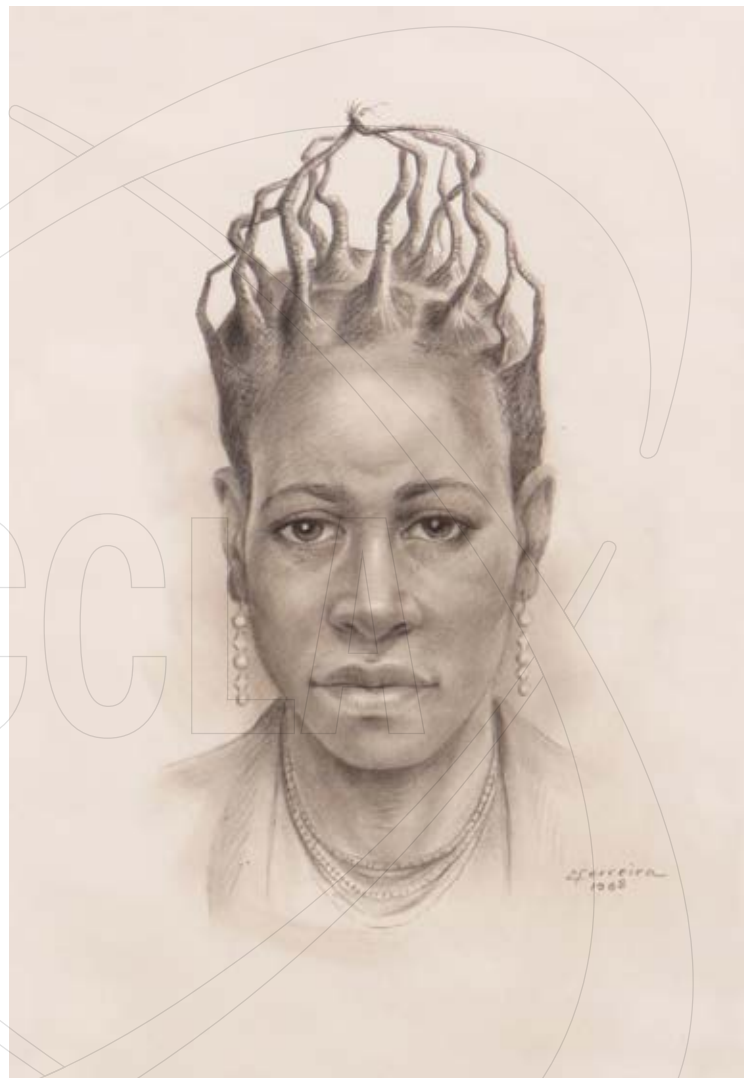
Menina do Namibe

(...) É imbuído deste espírito que faz parte do Centro Internacional de Escultura de Sintra, é Fundador da Casa das Artes de Sesimbra e da Associação Cultural Artistas da CPLP, tendo ainda liderado diversos projetos de Mostras de Arte, como o «Sesimbra Art Spaces» de projeção internacional ou as várias exposições solidárias como a que recentemente comissariou para a CPLP (...)". (Por: Filipe Pessanha)

Carlos Ferreira

1925-2007 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, a 30 de Abril de 1925. Faleceu a 1 de Novembro de 2007. Um clássico do desenho, pintor e escultor angolano. Em 1945 concluiu o Curso de Artes Plásticas na Sociedade Cultural de Angola, em Luanda. Aos dezanove anos, realizou a sua primeira exposição com o apoio do então jornal "Diário de Luanda". Durante os sessenta anos seguintes manifestou o seu grande talento nas artes plásticas. Trabalhou exclusivamente como artista plástico e decorador. Ganhou vários prémios e menções em Angola, Brasil, Moçambique e Portugal: 1.º Prémio de Pintura, Sociedade Cultural de Angola, Luanda (1951); 1.º Prémio no Concurso de Montras do Jornal "Diário de Luanda" (1952); 1.º Prémio de Pintura Câmara Municipal de Luanda (1959); 1.º Prémio de Desenho Clube Sarmiento Rodrigues, Luanda (1967); 2.º Prémio de Escultura Sociedade Cultural de Angola, Luanda (1948); 2.º Prémio de Pintura Sociedade Cultural de Angola, Luanda (1950); 2.º Prémio de Escultura Sociedade Cultural de Angola, Luanda (1951). Menção honrosa em Desenho Sociedade Cultural de Angola, Luanda (1948). A lista de individualidades retratadas por Carlos Ferreira incluem o Padre António Barroso, o Poeta Tomás Vieira da Cruz, o jornalista Adolfo Pina e o Presidente José Eduardo dos Santos. "O seu amor por Angola manifestou-se de várias formas, incluindo trabalhos a carvão com motivos etnográficos do país" (Tantã Cultural, n.º 223 de 27.07-02.08.2006).



S/ título

Está representado em várias colecções: na Diamang, Companhia dos Diamantes de Angola; Museu de Angola, Luanda; Museu de História Natural, Luanda, Angola, e em colecções privadas em vários países.

Cristiano Mangovo

1982 / Cabinda

Nasceu em 1982, em Cabinda, Angola. Licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Kinshasa e estagiou com Narciso Nsimambote. Trabalhou com Antônio Ana Etona e Patrício Mawete. Participou em vários *workshops* sobre cenografia urbana e performance. No seu trabalho inovador, a protecção do ser humano e da natureza são temas inspiradores.

A sua obra é multifacetada, indo do impressionismo ao surrealismo, passando pela instalação e possui um traço próprio e inconfundível. Em paralelo, Mangovo abraça a escultura contemporânea pela vontade de dar segunda vida a produtos considerados “lixo”, a fim de contribuir para a preservação ambiental. Na vertente de performance, encarna diferentes personagens e interage com as suas obras expostas, como se lhes desse a oportunidade de ganharem vida e saírem da tela para se expressarem.

Já fez cerca de quarenta exposições individuais e colectivas, a primeira individual de pós-graduação, na Fundação Arte e Cultura, em Luanda (2013); recebeu o Prémio Mirella Antognoli, da Embaixada da Itália e da Aliança Francesa, e o Prémio ENSARTE, obtendo uma residência na Cité Internationale des Arts, de que resultou uma exposição individual em Paris. Expôs em Portugal, França, Itália, África do Sul, Zimbabwe (2014); o seu trabalho “Sementes



Transformada

de Memória” foi apresentado no Pavilhão de Angola (2015) o Prémio Melhor Pavilhão, na Expo Milão, e participou numa instalação individual e performances no Infecting the City Festival na Cidade do Cabo, África do Sul (2016).

O seu trabalho mais recente foi apoiado pela First Floor Gallery Harare, uma exposição individual e performance (2017). No mesmo ano realizou a exposição e instalação individual Riches of Africa, no Centro Cultural Português/Instituto Camões, em Luanda.

Daniela Ribeiro

1972

Nasceu em Angola, em 1972, onde viveu até aos vinte anos de idade. Mudou-se para Portugal e formou-se em Design, Imagem e Criação por Computador, na Universidade Lusíada, em Lisboa. Acabou por se licenciar em Relações Internacionais, na mesma universidade. Frequentou o curso de Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa (2000) e o Curso de Escultura na Escola Ar.Co (2005).

Começou o seu trajecto no mundo das artes plásticas com o uso de acrílicos mas, aos poucos, foi descobrindo outros métodos, mais ao seu gosto e, em 2006, especializou-se em moldes de resina e silicone na Escola Pascal Rosier, em Paris, tendo sido convidada pelo Mestre Pascal Rosier para dar aulas em Lisboa. A partir daí assume-se definitivamente, como artista.

Daniela Ribeiro participou em cerca de vinte exposições, em Luanda e em diversas capitais europeias. Por Portugal passaram "Multiverso I" (2004); "Multiverso II" (2005); "Multiverso III" (2005); "Nós Sempre os Mesmos" (2006); "O Olho Biônico" (2010). A sua primeira exposição individual teve lugar na Galeria António Prates e participou na Feira de Arte em Lisboa (2008); "Andar nas Nuvens", no Centro Cultural Português/Camões, em Luanda (2015).



Penteado 2

Depois de abdicar do trabalho administrativo para se dedicar totalmente à arte, Daniela Ribeiro fez várias exposições colectivamente e a título individual, como "A nossa cultura" (2014); "Olho Biônico" (2010), "Dancarte Scenery" (2009), "Dream City" (2008), "Planets" (2008), "Madrid Art Fair" (2007), entre outras e um pouco por todo o mundo. A artista pretende continuar com o processo de internacionalização da sua carreira e a divulgar a arte africana.

Dila Moniz

1974 / Huambo

Nasceu em Huambo, Angola, em 1974.

Em 1999 formou-se em Artes Plásticas na Escola Superior de Arte e Design, nas Caldas da Rainha, onde vive actualmente.

Está representada em várias colecções em Angola, Brasil, Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos da América e Portugal. Fez a sua primeira exposição individual no Inatel, Foz do Arelho (2002). Desde essa mesma data já expôs no Museu Palácio do Gorjão, Bombarral (2004); Galeria Café Alexander, Caldas da Rainha (2005); Livraria Galeria Nova, Caldas da Rainha (2010); Óbidos na Casa dos Frutos Divinos e, em Lisboa no Palácio Foz e na TAAG, sede das Linhas Aéreas Angolanas (2014); Galeria Jorge Marinho Espaço d'Artes, Vila Real (2017).

Tem participado em várias exposições colectivas nacionais e internacionais, entre elas: IX Vera World Fine Art Festival, Cordoaria Nacional de Lisboa onde recebeu Menção Honrosa do Júri, nomeada para Melhor Talento, Categoria Pintura (2015); no Consulado do Equador, Milão, Itália (2016); Untitled, Beijing Cultural Exchange, Garley Gallery, Pequim, China (2017). O seu *design* caracteriza-se por ser em torno da moda, jóias, objectos, ambientes e a reutilização/transformação de objectos.



Turbante

Dília F. Samarth

1956 / N'Dalatando

Nasceu em N'Dalatando, Kwanza-Norte, Angola, em 1956. Em 1986 tirou o Curso Superior de Desenho na Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore, no Porto, e, no mesmo ano, terminou o Curso de Gravura no mesmo estabelecimento. As técnicas artísticas que emprega são desenho, pintura, instalação, tipografia e arte contemporânea, estética pessoal. Os seus primeiros trabalhos remontam a 1975, na composição de uma ilustração do livro de poemas de A. Pires Cabral, seguida de uma cenografia e cartazes do Grupo de Teatro TET. Em 1987 torna-se docente na Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore, nas cadeiras de Desenho Básico, Desenho de Representação e Pintura a Óleo. No ano seguinte, cria o seu Atelier em Setúbal, Dília Fraguito – Espaço de Arte, onde são leccionadas aulas de Desenho Básico, Desenho de Representação e Pintura a Óleo, onde permanentemente se exibem obras de artistas africanos. Em termos de exposições, a autora desenvolveu inúmeras ao longo dos anos, tanto colectivas, como individuais. A sua primeira exposição foi colectiva, em 1975, na Casa da Cultura de Vila Real, Portugal. A sua primeira exposição individual, por sua vez, foi em 1982, na Galeria Átrio, também em Vila Real.



1691- Kassanje 1961

Domingos Barcas

1968 / Benguela

Nasceu em Benguela, Angola, em 1968. Formou-se em Artes Plásticas na Escola Nacional de Artes Plásticas do INFAC, em Luanda, terminando com um Seminário de Fotografia. As técnicas para as suas criações são o Desenho e a Pintura, a Fotografia e a Instalação. Também é *designer* gráfico, faz decoração e cenografia.

É membro da Brigada de Jovens Artistas Plásticos da UNAP e do Clube de Artes e Ofícios. Ao longo do seu percurso foi professor de Pintura e Desenho na Escola Nacional de Artes Plásticas do INFAC. Participou em várias exposições colectivas, como por exemplo na Galeria da UNAP, em Benguela; 1.º Salão Internacional de Arte e Cultura, Luanda; Colectiva de Jovens, no Hotel Presidente Meridien, Luanda; Feirarte 94, no Museu de História Natural, Luanda; "Quando as Flores Renascem...", na sede do Governo Provincial de Luanda; "Também Somos Pecadores" na Mostra D'Arte Jovem, Luanda; Bienal de São Tomé e Príncipe; "Arte e Ambiente" na Associação 25 de Abril, Luanda; Bienal de Jovens Criadores da CPLP, Cabo Verde; Expo 98, no Pavilhão de Angola, Lisboa, Portugal; Jornadas Técnicas e Científicas da FESA, no Palácio dos Congressos, Luanda; aniversário da Cidade de Caxito, no Mercado Municipal, Bengo; exposição alusiva ao oito de Janeiro, SIEXPO, Luanda; "Metáforas Angolanas", Um Panorama das Artes Plásticas, de carácter colectivo, em Paris.

Em termo de exposições individuais surge o "Ciclo Quotidiano Mulher" na Galeria Humbiumbi, Luanda; "Corpos, Sonhos e Gestos" na mesma galeria; "Erótica no Texto Plástico" no Ritual de Máscaras, no Centro Cultural Português/Instituto Camões, em Luanda; "Erótica no Texto Plástico" no Ritual de Máscaras, na Galeria da Alliance Française, Ilha de Luanda; "Gestos no Feminino" no Tamariz, Ilha de Luanda; "Ciclos do Imaginário" no Espaço Cultural Elinga, Luanda, e Arte Jovem no Hotel Mombaka, Benguela. Pelas suas obras recebeu uma Menção Honrosa de Pintura e, em 1998, o Prémio ENSARTE.



S/ título

Edson Chagas

1977 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola no ano de 1977. Estudou fotografia em Newport, na University of South Wales, London College of Communication, na Etic, em Lisboa, Portugal, e no Centro Comunitário de Arcena, Alverca, Portugal. Interessado na relação entre tempo e espaço, Edson Chagas utiliza a fotografia como meio de comunicar e expressar ideias e emoções de uma forma abstrata, mas sempre num contexto social.

Em termos de exposições individuais realizou na Stevenson Gallery (2014-2015); Instituto Camões, Luanda (2014); Belfast Exposed Photography, Irlanda do Norte (2014); Palazzo Gallery, Brescia, Itália (2013), e no Memorial Agostinho Neto, Luanda (2013). Em 2013 Chagas foi o representante do pavilhão de Angola na 55.ª Bienal de Veneza, pavilhão que ganhou o Leão de Ouro de Melhor Pavilhão Nacional. Em 2015 foi um dos selecionados a participar no 11.º Prémio Novo Banco Photo, no Museu Coleção Berardo em Lisboa.

Desde 2010 fez inúmeras exposições a nível internacional, nos vários continentes, de que são exemplo: Transit, OCA, São Paulo, NO FLY ZONE, Unlimited Mileage, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2013); Journal, Institute of Contemporary Arts, Londres (2014); no mesmo ano fez exposições na Polónia, Alemanha, Washington. Em 2016 expõe no MoMa, em Nova Iorque, assim como colectivas notáveis, como "Disguised", que iniciou no Seattle Art Museum e inaugurou no Brooklyn Museum, em 2016.



Tipo Passe

Foi finalista do Concurso Novo Banco Photo 2015, em Lisboa, Leão de Ouro de Melhor Representação Nacional com "Luanda, Cidade Enciclopédica" na Bienal de Veneza de 2013. Depois de muitos anos de fotojornalismo e longas estadias entre Angola, Portugal e Inglaterra, Edson Chagas parece ter encontrado o ângulo certo para trabalhar em fotografia: uma linguagem artística para pensar o mundo.

Eleutério Sanches

1935-2016 / Luanda

Eleutério Rodrigues de Sá e Sanches nasceu em 1935, em Luanda, Angola, e faleceu em 2016, em Lisboa. Em 1962 ingressou na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Durante dez anos exerceu o cargo de Monitor de Pintura no Departamento de Ergoterapia do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa. Fez teatro radiofónico na Emissora Nacional e participou em vários programas musicais de rádio e televisão. Foi professor do ensino secundário oficial, leccionando as cadeiras de Oficina de Artes e Materiais e Técnicas de Expressão Plástica. Entre 1960 e 1965 participou em diversas exposições colectivas, nomeadamente para o Comité Organizador dos XX Jogos Olímpicos, uma exposição itinerante, em Munique, e individuais, em Angola, Moçambique, Portugal, Estados Unidos da América, Reino Unido, Áustria, República Checa e Japão.

É dos artistas angolanos que melhor domina a cultura “Axiluanda”, para além de pintor, cantor, declamador e escultor. A Ilha de Luanda, o mar, os pescadores e as “Bessanganas” fazem parte do seu sangue e a “kizomba” marca o pulsar do coração do artista. Afirmou-se na pintura, mas também na poesia e na canção urbana.

Está representado em inúmeras colecções particulares, nacionais e internacionais, e museus: Angola, Moçambique, Rio de Janeiro, Jacksonville, em outros organismos particulares e oficiais, nomeadamente no Banco de Angola, em Luanda,



Ciclo da Árvore

Banco Nacional Ultramarino e União de Bancos, em Lisboa, Embaixada da República de Angola, em Lisboa, Banco de Fomento e Exterior e Banco da Agricultura, em Lisboa.

Erika Jâmece

1977 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1977. A sua formação no domínio das artes e da estética passou por diversas instituições, como o Instituto Nacional de Formação Artístico e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas (INFAC-ENAP), em Luanda, e pelo Instituto de Ensino Profissional Intensivo (INEP), em Lisboa, Portugal.

O seu percurso nos domínios da pintura, da gravura e da tapeçaria é marcado por um processo de auto-formação criando a sua própria técnica, afastada dos cânones mais convencionais. Erika Jâmece reparte-se por Angola e Portugal, é conhecida em alguns círculos artísticos como a Rainha do Hongolo que, em Kimbundo, significa Arco-Íris.

Tem no seu currículo um número significativo de participações em exposições individuais e colectivas. Em Angola, as exposições colectivas no Museu de História Natural, Palpitações de Mulher (2008); Galeria Celamar, Luanda (2010, 2011, 2012, 2013); “Elas Expõem”, no Mausoléu Agostinho Neto, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Independência de Angola (2015); colectiva de Pintura e Instalação “RE-ENCONTROS”, com Patrícia Cardoso, Leda Baltazar, Imanni Silva, Engrácia Ferreira, CCP/Instituto Camões, Luanda (2016).



Musicando

Em Portugal, a exposição colectiva “Elas Expõem... Conexões Cores e Formas”, Forte de São Jorge de Oitavos, Cascais (2014); participações na V Bienal de Culturas Lusófonas, Odivelas (2015), e no Bazar Internacional do Corpo Diplomático, da Embaixada de Angola em Portugal, em Lisboa (2016). Exposição individual “No Ritmo do Meu Semba”, Livraria Ler Devagar, Lisboa (2017).

Em Itália, expôs no Pavilhão de Angola na Expo Milão (2015), e, no Luxemburgo, esteve representada no âmbito do 34ème Festival des Migrations, des Cultures et de la Citoyenneté (2017).

Francisco Vidal

1978 / Lisboa

De origem cabo-verdiana e angolana, nasceu em Lisboa, Portugal, em 1978. Estudou Artes nas Caldas da Rainha, viveu em Nova Iorque, onde obteve o Mestrado na Escola de Artes da Universidade de Columbia e, actualmente, dá aulas de desenho em Luanda. O seu trabalho abrange o desenho, a escultura e a instalação, tocando temas como raça, diferença, negritude e diáspora africana, e reflecte a sua herança e o seu desenvolvimento enquanto pessoa e na sua percepção.

Em 2005 foi seleccionado para os Prémios EDP – Novos Artistas e, em 2013, foi um dos dez artistas incluídos na série de documentários “Geração 25 de Abril”, de Abílio Leitão e Alexandre Melo. Desenvolve, desde 2012, com Rita Guedes Tavares, António Ole e Nelo Teixeira, o estúdio virtual e-Studio, um colectivo de artistas baseados em Luanda.

Faz parte, igualmente, do colectivo Estúdio Candonga com Rita GT, e do projecto “Pietà” com Teodolinda Semedo. Foi um dos artistas seleccionados para o Pavilhão de Angola, que teve a curadoria de António Ole, na 56.ª Bienal de Veneza, em 2015, onde apresentou o trabalho “Utopia Luanda Machine”. Começa a expor as suas obras com mais regularidade a partir de 2005, destacando-se algumas das suas exposições individuais: “Água e Luz”, Instituto Camões, Luanda, Angola (2014); AIR – African Industrial



Kiekeleyela du Kimbundun Luuanda Rising

Revolution, UNAP, Luanda, Angola (2012); “Água”, Galeria 111, Lisboa (2007); “Ecotone”, Galeria 111, Porto (2007). Entre as suas exposições colectivas referem-se: “Mabaxa”, Soso Gallery – Contemporary African Art, Luanda, Angola (2012); “Republic”, Fundação Calouste Gulbenkian (2011); MFA Thesis Exhibition, Fisher Landau Center for Art, Long Island, EUA (2011); “Povo”, Fundação EDP (2010); “Exchanging Glances”, Instituto Camões, em Cabo Verde, Angola e Moçambique (2007). Francisco Vidal está representado em várias colecções privadas, entre as quais a da Fundação EDP, da Fundação PLMJ, Sindika Dokolo e Calouste Gulbenkian.

Gil

(Gil Silva)

1991 / Luanda

Gil Eanes Silva nasceu na Maternidade Lucrécia Paim, em Angola, na província de Luanda, no dia 1 de Agosto de 1991. Neto de músico, enfermeira, pescador e camponesa, filho de professores. Os seus pais emigraram para Lisboa quando não havia ainda completado cinco anos de idade. No seu primeiro ofício ligado às Artes Plásticas trabalhou como assistente do artista plástico Pop angolano Yonamine, onde aprendeu técnicos conceitos. Durante um ano e meio participou na produção de peças para vários projectos, nomeadamente nas seguintes exposições: "Luz Veio", Luanda, Elinga Teatro; "Ré-mové", Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, Lisboa; e Trienal do Rio de Janeiro. Posteriormente trabalhou com Marcos Kabenda, artista angolano vencedor da "Vera World Fine Art festival", onde aprendeu outros conceitos artísticos e técnicas contemporâneas.

Em Setembro de 2015 Gil fez a sua primeira exposição colectiva, "Novo Sangue" no espaço *Flying House*, em Fevereiro de 2016, no espaço "Uma pizza em companhia", convidado para dar vida às paredes do espaço numa exposição individual. No mesmo ano, no espaço cultural Bus, Gil juntou-se a um grupo de quatro artistas para fazer uma exposição colectiva de nome "O Colectivo". Em Setembro de 2017 volta a expor, desta vez no espaço Hangar, resultado de um *workshop* - "Where do we go from here?", em parceria com a ONG italiana *Lettera27*. Liderado por Simon Njami, com mediação de Herberto Smith, António Britto Guterres e Jeanne Mercier, trabalhou em torno de cadernos da Moleskine, de forma a captar ideias e pensamentos que se transformaram em



War

obras de arte. Em Janeiro de 2018, expôs, pela segunda vez, no espaço Hangar, num *workshop* de fotografia do fotógrafo Francis Nii Obodai. Antes de enveredar pelas artes plásticas, Gil foi *performer*, fez teatro e pertenceu a uma *crew* de danças urbanas.

Guilherme Mampuya

1974 / Uíge

Nasceu em 1974, na província do Uíge, Angola. Em 2000 concluiu a licenciatura em Direito pela Universidade de Kinshasa, na República Democrática do Congo. Dois anos depois ingressa no curso de Pintura Básica, no Ateliê Avelino Kenga e, mais tarde, aperfeiçoa a técnica do retrato no Atelier de Pintura Honesto Nkunu, em Luanda.

Torna-se membro da União dos Artistas Plásticos Angolanos (UNAP) em 2005 e, a partir dessa data, quase todos os anos, participa em exposições, das quais se destacam duas para o ENSARTE e outras em Luanda e Bruxelas, na Galeria “Lumières d’Afrique”. Foi galardoado com o Grande Prémio de Pintura ENSARTE (2008), tendo exposto em diversos locais de Luanda como por exemplo a Galeria Humbiumbi, Hotel Trópico, Hotel Alvalade e Belas Shopping. Em Lisboa expôs, pela primeira vez, na Galeria Bernardo Marques (2010), seguindo por outros continentes, como o asiático, na Coreia do Sul, onde participou na 18.ª exposição no Imperial Palace, Coreia do Sul (2011).

Em 2016, considerado na comunicação social como um dos mais conceituados artistas plásticos angolanos, Mampuya inaugura a sua galeria de arte no Município de Viana, um espaço para expor as suas obras, assim como a de vários artistas plásticos, inclusive de novos rostos. No mesmo ano, juntamente com Daniela Ribeiro, Mampuya começa a aplicar resina epóxi nas suas pinturas.



Muangolé

Guizef Guilherme

1969 / Bengo

Guizef nasceu no Bengo, Angola, em 1969. Augusto Zeferino de baptismo é autodidacta e trabalha em artes gráficas há mais de dez anos. Participou em exposições colectivas feitas em Angola e na África de Sul, além de diversas exposições individuais, como "O Brilho da Alma", no salão internacional da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP) e na Galeria Celamar, e a exposição "Kizuata ya ixi Yetu", no Memorial Agostinho Neto, em Luanda. A sua obra fixa-se nos rostos da mulher africana, na própria mulher, nos seus mínimos detalhes, e nos adornos femininos, expondo-os ao público sem maldade. A pintura de Guizef é diferente dos seus contemporâneos. Deixa-se envolver nos estilos e técnicas conservadoras, mais questiona-os com incursões de técnicas contemporâneas. Pertence a este grupo de artistas preocupados com as proporções e características fidedignas das suas figuras.



Negra do Kwanza

Hildebrando de Melo

1987 / Huambo

Nasceu em 1978, no Bailundo, Huambo, Angola. Fez o Curso de Pintura na Associação das Lameiras, em Vila Nova de Famalicão, Portugal. Foi distinguido no concurso ENSARTE 2004 e com o Prémio Angola 35.º como a personalidade que mais contribuiu para as artes visuais, em 2008.

Individualmente expõe com frequência desde 1994, contando já com catorze mostras que passaram por Angola, Portugal, Espanha e Holanda. As últimas exposições individuais foram "", na Galeria ArtLounge de Lisboa e "Imbondeiro | Baobab", na União Nacional dos Artistas Plásticos, em Luanda.

Com outros artistas, Hildebrando de Melo participou em nove exposições, entre elas "Interpretative Realm 's" (2008), na Agora Gallery, em Nova Iorque, Europa Series; "M 'Bilu", na galeria alemã Struggles Bamber, Coleção ENSA Seguros, apresentado no pavilhão de Angola na Bienal de Veneza (2013).

As obras do artista integram ainda sete colecções privadas e dez de empresas e instituições nacionais e internacionais, como o Banco Nacional de Angola, Sonangol, Companhia Nacional de Seguros de Angola, British Petroleum, entre outras.



S/ título

Januário Jano

1979 / Luanda



Musseke

Nasceu em 1979, em Angola, e completou o curso de graduação na Universidade Metropolitana de Londres (2005). Desde então esteve envolvido em projectos de pesquisa, por iniciativa própria, que marcaram o núcleo da sua prática artística. A sua arte atravessa a pintura, a instalação, o vídeo e a fotografia, e usa meios mistos para desenvolver um corpo de trabalho e rituais de trabalho relevantes.

Januário Jano foi premiado com o Art Laguna Price (2016), na categoria de Business for Art, um dos mais prestigiados prémios de arte, em Veneza, Itália. É considerado, pelos críticos de arte, um dos artistas mais proeminentes que trabalham em Angola. É artista residente na Hangar CIA – 180 Artistas do Sul, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal (2017).

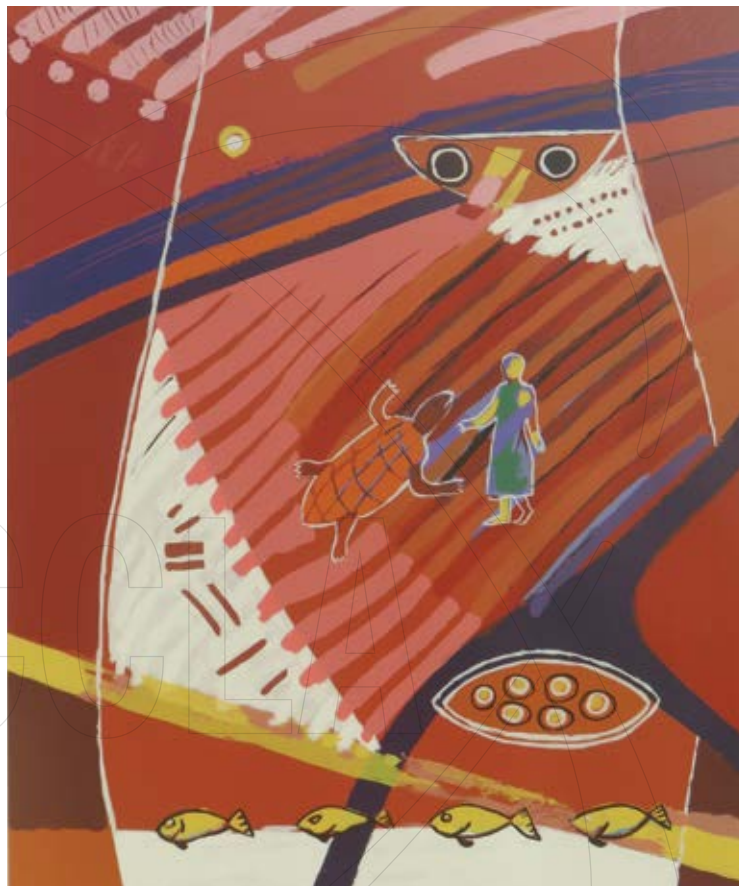
Em termos de exposições individuais salientam-se “Espaço Privado” na Galeria Geraldine da Silva, Porto, Portugal (2014); “Pop Orgy, Projecto Sementes de Memória”, curadoria de Suzana Sousa, Milão, Itália (2015); “Kwika: Love or Hate”, curadoria de Sónia Ribeiro, na Galerie Thorigny, Paris, França e “Fragmentação 1.0” com a mesma curadoria, na Galeria do Banco Económico, Luanda, Angola (2016); “Ambulando”, curadoria de Paula Nascimento e Suzana Sousa, Centro Cultural Português, Luanda, Angola (2017).

Exposições colectivas, igualmente numerosas, destacam-se: “Ruído”, com curadoria de Suzana Sousa, Centro Cultural Português, Luanda, Angola (2014); “Unorthodox”, curadoria de Jens Hoffman e Kelly Taxter, The Jewish Museum, Nova Iorque (2015); “Comando: Os das Bandas”, curadoria de Benjamin Sabby, Colectiva, Espelho D’Água, Lisboa, Portugal (2016); “E.U. in Angola”, curadoria de Keyezua, Centro Cultural Português, Luanda, Angola (2017). Januário Jano tem participado, ainda, em várias feiras e eventos internacionais de relevo.

Jorge Gumbé

1959 / Dembos

Nasceu em 1959, nos Dembos, Angola. Em Luanda tirou o Curso Geral de Artes Visuais na Escola Industrial e, em Havana, Cuba, o Curso de Pintura e Desenho na Escola Nacional de Arte de Cubanacán. Estagiou no Instituto Superior de Arte, Estocolmo, Suécia. Em 1996 concluiu a Licenciatura em Educação Visual e Tecnológica no Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo. Frequentou o Mestrado em Art, Craft & Design Education na University of Surrey, Roehampton, Londres. Em 1984 fez um estágio de Pedagogia de Arte, Cor e Forma, na Konstfackskolan, Instituto Superior de Arte de Estocolmo, na Suécia e, em 1987, frequentou o Curso Internacional sobre Política Cultural e Cultura de Massas, no Institut Für Weiterbildung der DDR (Instituto de Formação e Qualificação de Dirigentes do Ministério da Cultura da República Democrática Alemã), em Berlim. É membro fundador da União Nacional de Artistas Plásticos de Angola, de que foi Secretário-Geral de 1986 a 1988, membro fundador da Associação Bantu de Artistas Plásticos CICIBA, Libreville, Gabão, membro da INSEA, Sociedade Internacional de Educação Artística e membro do Conselho da Associação dos Estudiosos de Arte Africana ACASA, Washington, EUA.



S/ título

Em 1986 Jorge Gumbé foi convidado pela Autoridade Alemã de Intercâmbio Académico da República Federal da Alemanha para conhecer alguns museus e galerias, assim como para relacionar-se com outros artistas plásticos nas cidades de Bona, Colónia, Düsseldorf, Munique, Asch, Estugarda e Frankfurt; em 1998 foi convidado pela União Federal de Artistas Jugoslavos, onde pintou vários quadros. Realizou exposições em vários países, entre eles a Roménia, Brasil, Suécia, França, Portugal, União Soviética, Congo e Senegal. Em 1996 recebeu o Prémio ENSA de Pintura.

José Zan Andrade

1946-2015 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1946. Em 1986 fez a primeira exposição individual em Luanda, na União dos Artistas Plásticos e, em 1992, mudou-se para Portugal onde viveu até à sua morte, aos 69 anos, em Lisboa.

No seu percurso artístico contam-se vinte e uma exposições individuais e treze colectivas, em Portugal, Angola, Brasil e Gabão, países onde as suas obras estão representadas, assim como a Rússia. Para além de pintor, foi guitarrista, autor de programas musicais de rádio, sobretudo de jazz, e colaborador literário de vários jornais, até começar a trabalhar a tempo inteiro na pintura.

Na sua última exposição em Luanda, intitulada "Absolut Zan", no Centro Cultural Português/Instituto Camões (2015), apresentou vinte e cinco obras em acrílico sobre tela, sobre diversos temas, uma mostra que marcou o regresso do pintor às exposições individuais, depois de dezassete anos de ausência e trouxe à luz a reverberação onírica do jazz sobre o asfalto branco da tela, deixando o espectador apreciar, com a alma, como a música e a pintura se solidarizam objectivamente nos traços e cores surreais, eróticos e mágicos de um pintor de "adeus", no ano da sua morte.



Papagaio

Júlio Quaresma

1958 / Luanda



Jean-Michel Basquiat Eat Fish Archeologies

Nasceu em Luanda, Angola, em 1958. Tirou o curso de Desenho e Pintura no AR.CO, seguindo uma via profissional de arquitecto, artista plástico e crítico de arte. Da arquitetura ao design, projectou linhas de mobiliário, ao teatro, moda e cinema, no âmbito das artes plásticas (pintura, escultura e vídeo) desenvolve uma carreira internacional, participando em várias bienais, como a XX e XI Bienal de Havana, em Cuba, a Bienal do “Fim do Mundo” em Ushuaia, na Argentina e a I Trienal do Caribe, em Santo Domingo. Expôs as suas obras em vários museus nos cinco continentes, passando por países como os Estados Unidos, Espanha, Brasil e China, entre outros, muitos dos quais já contam com obras suas nas suas colecções. Como arquitecto, coordenou projectos internacio-

nais, nomeadamente o Museu de Arte Moderna Espanhola, em Tianjin, China, e é também o autor do projecto da Catedral da Muxima e da cidade envolvente. Um projecto onde o centro espiritual, numa óptica de sustentabilidade, se transforma simultaneamente no centro de produção de energia eléctrica de toda uma cidade sustentável. Em 1990 fundou o Grupo Vértice, com o qual iniciou o prémio Descobrir Lisboa e, em 1991, o grupo Visionista, com quem lançou o manifesto “Visionismo”.

Em 2015 foi nomeado, em Budapeste, Hungria, Ministro dos Assuntos Sociais e Solidariedade da Ordem Soberana de San Juan de Jerusalém, KMFAP, tendo sido, em 2010, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Ordem Soberana de San Juan de Jerusalém, KMFAP; de 2004 a 2012, foi presidente da Instituição de Solidariedade Social SER+ (Grupo de Apoio a Pessoas com Sida) e membro da direcção da Cruz Vermelha, núcleo do Estoril.

Kota 50

(Paulino Damião)

1949 / Nambuangongo



Família

Nasceu em 1949, em Nambuangongo, Angola. Repórter fotográfico com trinta e cinco anos de carreira no Jornal de Angola. Mais recentemente no Jornal de Economia e Finanças.

Em 1963, nas matas de Nambuangongo, província do Bengo, deparou-se com as tropas coloniais portuguesas. Foi feito prisioneiro aos 14 anos. Ainda em poder dos portugueses, teve a mãe morta por bombardeios aéreos dois anos depois. Durante o tempo em poder do exército português, ainda “miúdo”, ficava entre os militares que ele chama de artistas. Ironicamente foi no campo de guerra que descobriu a sua paixão pela fotografia.

Estudou fotografia por correspondência no Instituto Universal Brasileiro e na Escola Álvaro Torrão, de Portugal.

Reside na Chicala, tem quatro filhos, entre eles, o

artista plástico Lino Damião. “Certa vez, estávamos nós fotografando na Fortaleza, edificação histórica de onde se avista a baía de Luanda e hoje abriga um museu da luta pela independência, pedi-lhe que subisse num dos velhos aviões militares ali expostos para fotografá-lo. Subiu, e sorridente disse-me que um daqueles matara boa parte de sua família”. (Por: Lino Damião, filho)

Fazia a cobertura de jogos de futebol apenas com uma lente de 50 mm, pois era a única que possuía, quando os outros fotógrafos, já nessa época, usavam longas teleobjectivas. O “Kota 50”, fotógrafo da “50”, assim se referiam a ele, aqueles que não sabiam o seu nome. E assim ficou conhecido. No auge do p&b teve estúdio e laboratório no Largo da Portugalá, centro de Luanda. Nos anos oitenta foi enviado a Moscovo para a cobertura dos Jogos Olímpicos. “Era o único fotógrafo negro credenciado para os jogos olímpicos”, conta. Conhece quase toda a África subsaariana.

Sem saudosismos, gosta muito da instantaneidade da foto digital. Adora mostrar o resultado no visor da sua câmara.

Ledani

(Leda Baltazar)

1979 / Luanda

Nasceu em 1979, em Luanda, Angola. Iniciou a sua formação no mundo das artes com o Curso Médio de Belas Artes, no Instituto Nacional de Formação Artística e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas (INFAC-ENAP), em Luanda (1999). Prosseguiu o seu percurso com o Curso de Professores de Ensino Básico de Educação Visual e Tecnológica, em Lisboa (2000/2003) e o Curso de Design e Produção Gráfica, também em Lisboa (2004). Em 2015 frequentou ainda o Instituto Superior de Artes (ISART), em Luanda. A sua profissionalização como artista plástica inclui o Curso Profissional de Artes Decorativas do Atelier Label e Decoração, em Lisboa (2012), decoração de interiores, animadora de festas, animação infantil com pintura facial, e é membro da União Nacional de Artistas Plásticos (UNAP) de Angola.

Paralelamente, fez ainda o Curso de Supervisão e Controlo de Qualidade na Galpgeste, Lisboa (2003/2006), o Curso de Formação para a EDP e Galpenergia – Gestão de Empresa (Call Center), atendimento ao cliente, correcção e explicação de facturas, registo de leituras, reclamações, registo de chamadas, modalidades de pagamento, envio e solução com técnicos.

Ledani conta já com mais de uma dúzia de participações em exposições colectivas, em Angola e Portugal. Algumas das suas obras estão expostas, em colecção, no Edifício Holding da Sonangol (sede), outras fazem parte de colecções particulares em Portugal e Angola.



Fertilidade Frágil

Lino Damião

1977 / Luanda

Nasceu em Luanda, em 1977. Encorajado pelo pai, começou desde cedo a desenhar e pintar, tendo recebido o seu primeiro Prémio de Pintura em 1989 – União Nacional de Artistas Plásticos (UNAP). Fez o Curso de Desenho e Pintura no Barracão – Escola Experimental de Arte de Luanda (1985). Formou-se em Artes Plásticas no INFAC - Instituto Nacional de Formação Artística, Luanda (1997 – 2000) e fez o Curso de Desenho e Gravura na Oficina de Gravura da UNAP – *União Nacional de Artistas Plásticos* (1988). É Membro Fundador da Cooperativa pró-memória dos Nacionalistas. Tem participado em várias exposições individuais e inúmeras colectivas, em Angola, Cabo Verde, Macau e Portugal. De entre as exposições em que participou destacam-se “Rostos” Camões, Centro Cultural Português, Luanda (2017 e 2016); “Comuting, Os das Bandas”, no Espaço Espelho D’Água, Lisboa (2016); “La Paragem”, Lisboa (2012); participou no I Festival Literário, Rota das Letras, de Macau (2012); Feira de Arte Contemporânea de Lisboa (2010); I Trienal de Luanda (2007); “Março Mulher”, Museu Nacional de História Natural, Luanda (2003). Em Agosto 2008 | Curadoria com o sul-africano Loyiso Qania na selecção de artistas angolanos para a Bienal de Cape Town de 2009. Organizou conferências, palestras, encontros e visitas a *ateliers* e galerias, em Luanda. Lino Damião possui obras em várias colecções públicas e privadas em África, na Europa, Ásia, América do Sul e EUA. Entre outras, integra colecções particulares no Banco Nacional de Angola, Luanda | Sonangol, Luanda | Teatro de S. Tomé | Museu de África, Havana | jjjjazz Produções, Luanda | Escola de Cegos Mudos, Óscar

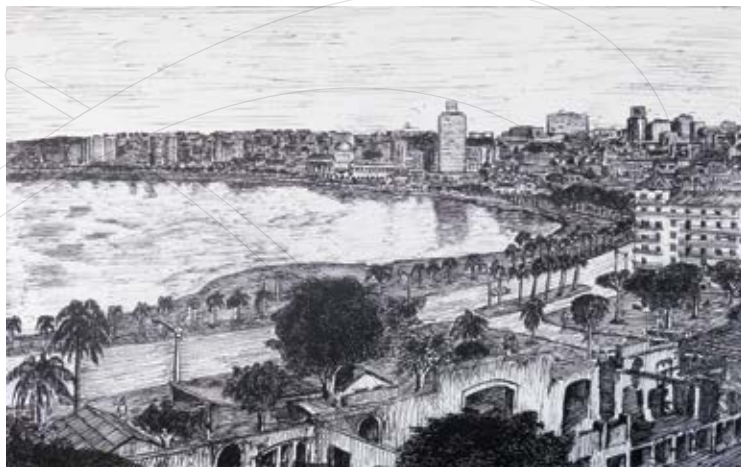


Menina e a girafa

Ribas, Luanda | Banco de Desenvolvimento Africano, Luanda | Associação 25 de Abril, Luanda | A. Costa Lopes, arquitectos, Luanda e Lisboa | Consulado Geral de Angola, Macau.

Luandino Carvalho

1967 / Luanda



Marginal

Nasceu em Luanda, Angola, em 1967. Começa a desenhar e a pintar desde muito novo, tendo participado em concursos internacionais de desenho infantil e ganhou três prémios. Aluno fundador da Escola de Artes Plásticas Barracão, em 1976. Mais tarde, foram as aulas na Escola Augusto N'Gangula, assim como o ensino médio em jornalismo, no Instituto Karl-Marx Makarenko, que o doutrinaram. No ano de 1992 muda-se para Portugal e foi estudar na Escola Profissional Ofícios Artísticos (EPOA), em Vila Nova de Cerveira. Dois anos depois muda-se para as Caldas da Rainha, onde se forma em Belas Artes, na Escola Superior de Artes e Design.

Designer, artista plástico e ilustrador. Exerceu Jornalismo na Rádio Nacional de Angola e foi apresentador do programa “Texturas”, da TPA — Televisão Pública de Angola onde entrevistava artistas plásticos. Teve uma passagem pela música com o lançamento de um álbum intitulado “Surpresa Angola”, em 1993.

Participou em várias exposições individuais e colectivas onde se destacam as das EXPO Sevilha, Lisboa, Aichi e Milão. Vencedor do Prémio ENSARTE, em 2002.

É membro da UNAP — União Nacional dos Artistas Plásticos. Autor do desenho das Condecorações Nacionais de Angola e dos Símbolos Presidenciais. Um estudioso da heráldica e da simbologia do Estado Angolano.

Actualmente é o Adido Cultural da Embaixada de Angola em Portugal.

Luandino Vieira

1953 / Vila Nova de Ourém

José Luandino Vieira, pseudónimo literário de José Vieira Mateus da Graça, nasceu em Vila Nova de Ourém, Portugal, em 1935. Aos três anos viajou para Angola, com os seus pais, e passou toda a infância e juventude em Luanda, onde fez os estudos secundários. Durante a Guerra Colonial ingressou nas fileiras do MPLA, participando na luta armada contra Portugal. Detido pela PIDE, pela primeira vez, em 1959 e, posteriormente, em 1961, seria condenado a 14 anos de prisão. Até 1964, passou por várias cadeias em Luanda, sendo então transferido para o campo de concentração do Tarrafal, Cabo Verde, onde esteve detido oito anos.

Do seu trabalho destacam-se as seguintes obras: (1957); *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1961, traduzido para várias línguas, e base do filme "Sambizanga", realizado por Sarah Maldoror); *Luuanda* (1963, pelo qual recebeu o Prémio Literário angolano "Mota Veiga", em 1964, e o Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965); *Vidas Novas* (tendo sido distinguida com o Prémio "João Dias"); *Velhas Estórias* (1974), *João Vêncio: Os Seus Amores* (1979), *Kapapa: Pássaros e Peixes* (1998), *Nosso Musseque* (2003) e *Velhas Estórias* (escrito em 1974 e reeditado em 2006). Em 2006 foi galardoado com o mais importante prémio português de literatura, o Prémio Camões, que Luandino recusou por razões pessoais.



Agostinho Neto

Além da literatura, a veia artística de Luandino Vieira passa pelo desenho. É membro fundador da UNAP e autor de várias capas e ilustrações de livros angolanos.

Luís Damião

1978 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1978. Luís Damião é um apaixonado pela fotografia, arte em que se iniciou muito cedo, influenciado pelo pai, Paulino Damião, o "50". Nas suas obras emprega, para além da fotografia, a pintura. Acaba por se inspirar no falecido Viteix. Frequentou o curso de artes plásticas no ex-Barracão. Já expôs na Nacional dos Artistas Angolanos (UNAP), na mostra "Mulheres do dia-a-dia, na Baixa de Luanda", Galeria De Maio (2012). A exposição visou homenagear as mulheres angolanas. No mesmo ano as suas fotografias são integradas na cenografia da novela "Whindeck", da TPA 2, para além de participar no concurso Besa Photo. Foi convidado a participar como assistente de produção e fotografia nas filmagens do filme "No Trilho do Naturalista", da produtora Terra Treme. Participou numa exposição colectiva de jovens artistas da Oficina Kapela, Elinga Teatro (2013), acabando por se envolver no projecto Cores do Verão. O artista participou na sua primeira residência artística "Jango" (2014), apresentando a sua veia plástica com as composições escultóricas utilizando o papel como material. No seu percurso profissional acaba por colaborar com o "Jornal Angola", tendo em paralelo desenvolvido a Oficina Kapela, uma oficina para artistas plásticos: *"Quando criámos a oficina, fizemo-la para ser uma residência artística, mas com um estilo de oficina. Com o passar dos meses, recebemos muitos jovens interessados em melhorar a sua técnica, através da troca de experiências. Isso também mostrou que há muitas pessoas sem um espaço para trabalhar."*

(Palavras do autor no "Jornal Angola").

Mussunda
Nzombo



Márcia Dias

1971 / Luanda

A artista plástica Márcia Dias é angolana, nascida em Luanda. Viveu parte da sua adolescência na Suécia, onde teve os seus primeiros contactos com a pintura, e frequentou o curso de artes, especializando-se em várias técnicas com relevância para a paisagística. Actualmente reside em Portugal. Sendo angolana, as cores quentes, fortes e alegres são um traço distintivo que nos levam a viajar pelas savanas africanas e invadem a nossa mente e as nossas emoções com muita cor e alegria. Através da sua arte dá-nos a conhecer a sua alma africana, tendo um fascínio especial em pintar o pôr do sol.

O seu percurso como artista foi natural e gradual. Participou já em várias exposições, individuais ou colectivas, destacando-se entre elas: em Luanda, no Hotel Presidente e na Galeria de Artes; em Portugal: no Hotel Tryp, na Casa do Artista, no Hotel Marriot (Festa do Corpo Diplomático), no Bazar Diplomático, na Casa de Angola, e na colectiva “Homenagear Lisboa”, Avenida Café, em Lisboa; na Festa do Consulado de Angola, Inatel, na Costa da Caparica; no Belas Clube de Campo, em Sintra; na Bienal de Odivelas; nos 150 anos da Cruz Vermelha Portuguesa (colectiva), Santarém; no Centro Cultural D. Dinis, Coimbra (comemoração do Dia de África); na Galeria Orixás, Sintra (colectiva).



Queen

A pintura para Márcia Dias tem que transmitir liberdade de criar. Gosta de pintar a natureza, poesia, emoções e sentimentos. Pintar, para a artista Márcia Dias, é muito mais que colocar tinta na tela. Em 2016 inaugurou o seu novo atelier no espaço da Casa de Angola, em Lisboa.

Marco Kabenda

1974 / Luanda



Procura-se Branca de Neve

Marco Kabenda nasceu em Luanda, Angola, em 1974. É formado em artes plásticas pelo Instituto Médio de Formação Artística e Cultural de Angola (INFAC) e pelo Instituto de Arte e Comunicação Visual de Lisboa (AR.CO) e em Design Gráfico na Universidade de Mindrand (África do Sul), recebeu diversos prémios: VERA World Fine Art Festival – prémio na categoria Pintura – Multidimensionalidade de Imagem e Sentido; menção honrosa no Prémio Ensarte 2012; inclusão na short list dos 20 melhores artistas plásticos angolanos – Prémio Ensarte 2017; menção honrosa no Prémio AOL-AMI 2005. Já participou em dezenas de exposições colectivas e individuais em países como África do Sul, Portugal e Itália.

“O artista tem de ter bom estômago, tem de comer de tudo. Estudei vários mestres, tive várias influências artísticas, nomeadamente da escola africana, europeia e americana”, Marco Kabenda.

Mário Tendinha

1950 / Namibe

Nasceu no Namibe, Angola, em 1950, tendo saído do país aos 12 anos. Autodidacta, sempre teve o mar, as pescas, o deserto e o povo cuvale como referências naturais importantes na sua vida. Tinha 18 quando se iniciou na pintura. As suas obras são marcadas pelo surrealismo, por influência de artistas como Dalí, Ernest, Klee e Picasso. Mário Tendinha tem, desde a infância, um gosto particular pela banda desenhada, aproveitando as técnicas e suportes então utilizados, como o papel, o guache e a aguarela, assim como a tinta da china.

Fez exposições em diversas colectivas em Angola e em Portugal, e participou em tertúlias literárias e ensaios de peças de teatro por ele concebidos. A sua primeira exposição individual foi na Biblioteca Municipal no Huambo (1972). Expôs ainda na Galeria Celamar, uma mostra individual intitulada "Riskuss" (2007), onde aborda vivências do seu quotidiano aos sonhos e imaginação criativa; "Meridionális", Galeria de Arte Contemporânea Nuno Sacramento (2016), entre outras. A escritora Ana Paula Tavares, colaboradora do "Rede Angola", afirmou que:

"Mário Tendinha é um viajante que atravessou a vida em todas as fronteiras à procura dos espaços perdidos pelos homens e de uma mão cheia de estrelas, aquelas que durante a noite enchem a terra de luz e de sombra."



Colo

Nelo Teixeira

1974 / M'Banza Congo



S/ título

Nelo Teixeira nasceu em M'Banza Congo, Zaire, em 1974. Estudou pintura e escultura nos workshops promovidos pela União dos Artistas Plásticos Angolanos (UNAP). É ainda formado em carpintaria e cenografia, em diversos filmes e peças teatrais. Desde 2000 tem exposto regularmente, como na segunda edição do JAANGO Nacional, no Museu Nacional de História Natural de Luanda, no Projecto Ponte Cultural Angola – Israel, nas exposições colectivas Sobumba e Arte 100 Fronteiras, ambas em Angola. Participou ainda na componente Reciclarte, no projecto Orgulho em ser Angolano e no leilão da Bonham's de Arte Africana, Londres – Reino Unido. Da sua família Nelo herdou a arte de criar máscaras. Ele tem vindo também a desempenhar um papel importante na comunidade artística de Luanda, onde ensina à geração mais nova algumas das suas técnicas.

“Trabalho muito com material reciclado e resíduos. Tento explorar quase tudo: metal, plástico, alumínio, vidro, tintas. Luanda é muito rica em resíduos, além de toda a inspiração que nos alimenta.”

(Nelo Teixeira)

Patrícia Cardoso

1973 / Luanda

Patrícia Cardoso (Patrícia Carla Paiva Cardoso) nasceu a 25 de Junho de 1973, em Luanda, Angola. Frequentou o curso de Artes Plásticas (Pintura) no INFAC – ENAP (Instituto Nacional de Formação Artístico e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas) entre 1994 e 1997, sendo membro da UNAP (União Nacional de Artistas Plásticos). Em 1992 fez um curso de tapetes de arraiolos e arranjos florais e, em 2000, o curso “Colonial Azul, Azulejo e Porcelana” em Óbidos (Portugal). Entre 2008 e 2012, Patrícia Cardoso licenciou-se em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Lusíada de Luanda (ULA).

Em 2010 começou a explorar a técnica de pintura sobre materiais alternativos, como madeira, materiais reciclados e tecidos, estabelecendo uma simbiose entre pintura tradicional e moderna.

Em paralelo com a sua actividade como artista plástica, Patrícia Cardoso dedica-se ao artesanato, fazendo objectos artísticos e acessórios femininos. A artista já participou em inúmeras exposições colectivas de relevo em Angola, citando-se apenas algumas: as exposições colectivas BAI Arte, em 2010, “Elas Expõem... Luanda Cores e Ritmos”, Academia BAI 2014, “Elas Expõem... Em Homenagem aos 40 anos da Independência Nacional”, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, em Luanda, em 2015, e ainda a exposição colectiva “Re-encontros”, no Centro Cultural Português, em Luanda, em 2016.



Basta Olhar

Tem tido, também, participação significativa em mostras colectivas no estrangeiro, de que se destacam, entre outras, na República Popular da China, onde representou o seu país na Expo Xangai 2010, em Portugal, em “Elas Expõem... Conexões Cores e Formas”, no Forte de São Jorge de Oitavos, Cascais, em 2014, na colectiva “100x100”, em Lisboa, em 2017, e nos Estados Unidos, na Exposição das Nações Unidas, em 2014.

Paulo Jazz

1957 / Luanda



Sem tabaco

Nasceu em Luanda, Angola, em 1957, e concluiu os seus estudos primários e secundários em Benguela e Luanda.

Desde cedo começou a desenhar e a pintar, aprendendo algumas técnicas e pesquisando outras, tendo participado em certames escolares, destacando-se os seus trabalhos em aquarela. Em 1974 frequentou o curso de Construção Civil, em Luanda. É membro efectivo e co-fundador da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP), desde 1982, e participou desde então em quase todas as suas exposições, bem como outras promovidas por organismos estatais e internacionais, no país e no estrangeiro.

(...) A década 90 foi para Jazz uma década de ouro, tinha aparecido com uma pintura nova para a crítica, que não era muita na altura. Mas, para a norma, era um salto mais à frente do Cubismo, um estilo e uma

forma que o próprio pesquisou ao longo da sua carreira. A sua pintura era como um organismo vivo de um ou dois elementos que interagiam entre si e tomavam todo o espaço que havia para tomar dentro do campo de uma pintura. Tinha encontrado um caminho, uma linguagem sua, um estilo seu. No virar da década, vemos um Jazz mais Cubista. Porquê? Ouve um recuo por causa de eventos pessoais que causaram grande impacto na sua obra, e ele voltou a uma zona de conforto que já dominava há muito: o Cubismo (...)

(Por: Hildebrando de Melo).

Autodidacta fez a sua primeira exposição individual em Luanda, em 1983, com quarenta e três quadros a óleo sobre tela, no Museu de História Natural.

Os cinquenta anos de carreira dedicada à arte de desenhar, pintar e esculpir do artista plástico angolano, estiverem patentes, em 2016, numa mostra denominada “50 anos de Exposição”, em Luanda. Paulo Jazz é detentor de vários prémios, entre os quais, o de Artes Plásticas do Centro Internacional das Civilizações Bantu (CICIBA), em 1987.

Paulo Kapela

1947 / Uíge

Nasceu em 1947, no Uíge, Angola, e foi para Luanda em 1996. Autodidacta, começou a pintar em 1960, na Escola Poto-Poto, Brazzaville, Congo. Nos últimos anos tem emergido no contexto da Trienal de Luanda, e o seu trabalho foi apresentado nas exposições “Check List – Luanda Pop” e Bienal de Veneza 2007, e “Luanda Smooth and Rave” em Bordéus, França 2009. Um edifício em ruínas da União Nacional de Artistas (UNAP), no centro de Luanda, com duas galerias, providenciando espaço para alguns artistas locais, foi durante muitos anos um dos principais lugares de produção artística do Mestre Paulo Kapela. Aí tinha o seu atelier, com arranjos surreais de objectos encontrados na rua, elementos para criar representações do seu universo interior, que combina a filosofia Bantu, o Catolicismo, o Rastafarianismo e iconografias. Paulo Kapela está, desde Outubro de 2014, sem espaço para trabalhar, foi retirado dos escombros da UNAP, apesar do sucesso, sobretudo nos circuitos internacionais. Realizou várias exposições individuais e colectivas das quais se destacam, em 1995, a colectiva “Africus” da I Bienal de Joanesburgo, África do Sul; em 2003, “Tons e Texturas da Angolanidade”, no Fórum Telecom, Lisboa; em 2004, “África Remix”, colectiva em Londres e Dusseldorf e, em 2005, no Japão. Faz parte da colecção “Obras de Artistas de África” da Caixa Geral de Depósitos, Lisboa. Expôs na colectiva Sindika Dokolo – Colecção Africana de Arte Contemporânea, Luanda, 2006. Em 2007 esteve representado na 52.ª Bienal de Veneza, Itália.



S/ título

Em 2006, a sua obra foi integrada na Colecção Lusofonias da Perve Galeria. Com obras expostas, em 2009, nas Galerias Perve; em 2010, na Galeria Nacional, em Dakar; em 2015 no Palácio da Independência, em Lisboa. Em 2003, recebeu o prémio CICBA, do CICBA – International Center for Bantu Civilizations. Vive e trabalha em Luanda, Angola.

Raul Indipwo

1933-2006 / Cunene

Nasceu no Cunene, Angola, em 1933. Formou, com Milo MacMahon, o Duo Ouro Negro, grupo musical que fez grande sucesso nas décadas de sessenta e setenta, tornando-se conhecido a nível internacional, com atuações na Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Suécia e Suíça e, de novo, Portugal. Em meados da década de sessenta, já fixado em Lisboa, o duo era presença constante em programas de televisão e de rádio. Em 1966, Raul e Milo actuaram em duas salas emblemáticas de Paris, o Olympia e o Alhambra, e, no ano seguinte, deram um espetáculo na sala Garnier da Ópera de Monte Carlo, perante os Príncipes do Mónaco. Ainda em 1967 regressaram ao Olympia e estrearam-se no Brasil. O ano de 1968 ficou marcado por atuações no Canadá e nos Estados Unidos, nomeadamente no conceituado Hotel Waldorf Astoria, em Nova Iorque. Ainda nessa época o Duo Ouro Negro atuou na América Latina e no Japão. Já na década de setenta, deu concertos na Alemanha, Austrália, França e EUA. O Duo Ouro Negro sobreviveu até final da década de oitenta, altura em que morreu Milo MacMahon. Radicado em Portugal, Raul Indipwo dedicou-se, a partir daí, especialmente à pintura, construindo um extenso currículo como pintor, com muitas exposições individuais, desde 1970, não só em Angola e Portugal, mas também no Canadá, Estados Unidos,



S/ título

Argentina e Austrália. Uma das suas últimas exposições individuais, “O Caminho da Chuva”, realizou-se em Luanda, no Instituto Camões, em 2003. Participou ainda em várias colectivas, em Portugal. Os seus quadros fazem parte de colecções públicas e privadas, em Portugal, Estados Unidos, Canadá e Argentina. Raul Indipwo morreu em 2006, em Portugal.

Roberto Silva

1907-2001 / Benguela

Nasceu no Golungo Alto, Angola e faleceu em Portugal. Em Luanda, onde viveu, desenvolveu grande parte da sua actividade como pintor, escultor e exímio retratista. Integrou a Liga Nacional Africana e colaborou no suplemento cultural do jornal A Província de Angola, envolvendo-se por vezes em polémicas. Nas décadas de 40 e 50 participou em várias exposições e colaborou na representação angolana à exposição de Bulawayo em 1953, que lhe granjeou reconhecimento público, tendo sido condecorado com a Ordem do Infante, em 1963. Participou no primeiro Concurso Artístico do SNI em Luanda, visitado por Marcello Caetano, então Ministro das Colónias. O retrato da Rainha Ginga, exposto nesta mostra, intitulado "Soba Ginga", valeu a Roberto Silva o 1.º prémio da exposição.

Para o artista, era imprescindível dominar o desenho de representação como base essencial do desenvolvimento de uma poética individualizada:

"Deve saber-se desenhar fielmente o que se vê, antes de se usar a liberdade de o modificar em obediência a determinantes puramente estéticas ou espirituais. Nunca se deve ser irreal por incapacidade de representar a realidade".

Conta o seu amigo Artur Queirós: « Mestre Roberto Silva tinha "escritório" no bar do Hotel Luanda e o seu reino era o Bairro dos Coqueiros. Bebia finos com os amigos ao balcão da Brilhante e do Baleizão, mas o poiso final era o bar do Hotel Luanda.

Já em Portugal, Artur Queirós encontrou Roberto Silva no Cadaval, com uma muxinga a fazer de cinto



Cuca

das calças. Acabaram num botequim, horas a fio de conversa acompanhada de jarros de vinho tinto. Já entrou a noite, Artur perguntou-lhe: "Tens saudades de Luanda?" O mestre olhou-o com ar reprovador e disse: "Continuas linear e burro! Nós nunca saímos de Luanda. Nunca!"

Tânia Dominique

(Projecto MuArte)

1995 / Luanda

Nasceu em 1995, em Luanda, Angola. É licenciada em Arquitectura, com uma formação de *design* de interiores em curso. Reside em Portugal, mas tem o coração e alma em Angola. Assumindo que não se lembra do momento em que começou a fazer arte, afirma que simplesmente nasceu com ela, seguindo os passos da família.

Fortemente ligada a qualquer tipo de arte, tem como princípio a pura entrega, espírito livre e sentimentos. E cita Picasso: “Pinto as coisas como as imagino e não como as vejo”. Partindo deste pensamento, assume que não tem um estilo específico para se expressar. A jovem artista integra assim o “MuArte”, um projecto recente, criado em Janeiro de 2017, que pretende reunir jovens mulheres artistas angolanas de diversas áreas, com o objectivo de promover a Arte em Angola e no mundo sob a visão artística feminina africana.

Com a criação do “Projecto MuArte” (Mulher + Arte), Tânia Dominique assumiu o seu lado de artista plástica. Com a força de mais cinco mulheres, com muito para dar e mostrar, nunca mais parou, dedicando toda a sua energia a um movimento de promoção da arte feminina angolana. E a arte é isso, são energias que originam uma técnica.



Frio do Sul

Tucunaré

(Mário Lopes Júnior)

1986 / Luanda



S/ título

Nasceu em Luanda, Angola, em 1986. Filho de dois ex-combatentes da luta contra o colonialismo, e o último de oito irmãos, deu os primeiros passos nas artes visuais entre 1995 e 1996, após ter ganho um projecto de filmes do irmão mais velho. Muitos dos seus tios e primos estão ligados às artes visuais e, pela mão do pai, que foi fotógrafo nos tempos livres, começou a tirar as suas primeiras fotografias com um telemóvel e assim nasceu o sonho de se tornar fotógrafo profissional. Em 2012, decidiu partir

para a Cidade do Cabo, na África do Sul, onde surgiu a oportunidade de estudar fotografia *online* com o professor brasileiro Sit Kong Sang, a quem deve muito pelos seus ensinamentos. Em 2013 viu uma fotografia sua escolhida entre as cinco melhores da National Geographic Brasil do mês de Abril – fotografia essa que foi a capa desse mês. A sua primeira exposição teve lugar em 2014, no Projecto “Vê Só”, do qual é membro-fundador. É também parceiro e voluntário do Projecto Social “Aldeia das Artes”, com quem já realizou várias exposições individuais entre 2016 e 2017. Actualmente vive e trabalha entre Angola e a República Checa.

Valentim Caterça

1950-2014 / Gabela

Nasceu em 1950, na Gabela, Kwanza-Sul, Angola. Conhecido no mundo das artes como Valentim, é reconhecido na Europa e em África como um mestre cujo pincel reúne finas linhas. Foi membro da União dos Artistas Plásticos (1977), assim como da Sociedade Portuguesa de Direitos de Autor. Teve como professor o pintor angolano Lusolano João de Deus, e fez o curso de pintura de azulejos no Inatel, no final da década de noventa.

Valentim ganhou o Prémio Presidente da República do Congo, na V Bienal de Arte Bantu Contemporânea, realizada pelo CICIBA (1994), com a obra "A Aurora".

Em Angola apenas realizou exposições colectivas, mas participou em várias mostras internacionais, como a Quinzena Cultural de Paris. Actualmente tem obras expostas em conceituados museus internacionais, nomeadamente França, Inglaterra, Portugal, Itália, Argélia, Brasil e Egipto. As suas obras consideradas mais emblemáticas são "Lágrimas da Negra" e "O Sol Negro".

A sua sensibilidade artística conduziu-o à publicação de um livro de poemas, intitulado *Sentimentos* (1993). Faleceu em 2014.



S/ título

Van (Francisco Van-Dúnem)

1959 / Bengo



Entretimento de animais ao Sol

Nasceu no Bengo, Angola, em 1959 e fez os estudos primários e secundários em Luanda. Concluiu o Curso Geral de Artes Visuais na antiga Escola Industrial de Luanda (1976). É membro fundador da União dos Artistas Plásticos (1977). Concluiu o Curso Médio de Pintura em Havana, Cuba (1981), e a Licenciatura em Educação Visual e Tecnológica na Escola Superior de Viana do Castelo (1994). Foi co-fundador e professor de desenho, gravura e pintura e também director da Escola Média de Artes Plásticas em Luanda (1994/1997). Concluiu o Mestrado em Educação Artística na University of Surrey Roehampton, em Londres, e foi Secretário-Geral da UNAP, Director Nacional de Formação

Artística, seguindo o seu currículo como docente de Desenho no Curso de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto e Professor Colaborador do Instituto Superior de Artes. Conta, no seu percurso com cerca de trinta exposições individuais e mais de uma centena de exposições coletivas apresentadas em Angola e noutros países como a Argélia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Cuba, Espanha, Gabão, Itália, África do Sul, Reino Unido, Namíbia, Jugoslávia, Hungria, Guiné-Bissau, Inglaterra, Namíbia, ex-Jugoslávia, Hungria, Moçambique, ex-Cecoslováquia, Zâmbia, Rússia, Noruega, Suécia, Portugal, Congo, França, Alemanha, EUA, Japão e China. Entre os prémios recebidos destacam-se o Prémio Mural Cidade de Luanda (1985); Prémio Banco de Fomento Exterior (1990); Prémio ENSARTE (1996); Prémio ENSARTE (2004); Prémio Nacional de Cultura e Artes (2008).

Vénus Ivy

(Ivânia Sobral
- Projecto MuArte;)
1999 / Luanda

Vénus Ivy, nome artístico de Ivânia Sobral, nasceu em 1999, em Luanda, Angola, e estudou *Design* em Portugal.

A jovem artista integra o “MuArte”, um projecto recente, criado em Janeiro de 2017, que reúne jovens mulheres artistas angolanas de diversas áreas de formação, com o objectivo de promover a arte em Angola e no Mundo, numa visão artística feminina africana.

Sob o lema de “Se quer chegar rápido vá sozinho, se quer chegar longe vá acompanhado”, seis jovens unem-se na mesma causa. São elas Tânia Dominique, Inês Melina, Nadriane Saraiva, Ivânia Sobral, Andreia Gamboa e Naiole Hilário.

O “Projecto MuArte” realizou a primeira exposição no Restaurante Artz (2017), mas teve já várias acções noutros foros da sensibilização. De ilustrações a pinturas, do papel às telas, do lápis à arte digital, as artistas, numa grande variedade de estilos e tons, pretendem incentivar outros jovens a lutarem por aquilo em que acreditam, num movimento que visa levar a cultura aos angolanos espalhados por todo o mundo.



Humanidade

Viteix

(Vítor Manuel
Teixeira)
1940-1993 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1940, e estudou Artes Plásticas em Luanda, Lisboa e Paris, onde concluiu, em 1973, a licenciatura e o mestrado em Artes Plásticas. Regressou a Angola depois da independência e aí desenvolveu acções de dinamização cultural e se destacou como uma das figuras de realce no panorama das artes plásticas. Em 1983 defendeu, em Paris, uma tese de doutoramento em Estética, sobre as Artes Plásticas em Angola. Foi membro fundador da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP), membro da Associação Internacional de Críticos de Arte e da Direcção da Sociedade dos Direitos dos Autores Angolanos. A partir de 1982 passou a participar em múltiplas bienais, museus, feiras de arte e galerias em Havana, Estocolmo, Paris, Porto, África do Sul, Gabão, Luanda, São Paulo, Salvador da Bahia e Windhoek. Viteix faleceu em 1993.

"Victor Teixeira realiza um percurso multiforme, que se estenderá por várias áreas desde a prática artística, com destaque para a pintura, desenho e gravura, à teoria da arte e pedagogia. A pintura de Viteix vem reabilitar um conjunto de signos e símbolos provenientes de uma Angola pré-colonial que se constituem, antes de mais, como sinais-memórias de identidades culturais distintas. Não se trata de



Estudo para Composição n.º II

uma apropriação meramente formal ou estilística, mas a criação de uma ideografia moderna, que estabelece e cimenta a relação com um fundo cultural e histórico, na procura de uma arte renovada que expresse a consciência da(s) identidade(s) da Angola pós-colonial. Trata-se, nas palavras do pintor, de um regresso às "oralidades dotadas de carácter material" e que permitem redimensionar e reequacionar os pontos de contacto entre tradição e modernidade."

(Por: Teresa Matos Pereira)

XicoFran

(Francisco Fernandes)

1969 / Luanda

Nasceu em Luanda, Angola, em 1969. É considerado como um dos grandes talentos no mundo artístico, da sua geração, conhecido como o “Pintor do Jazz”. Concluiu o Curso Superior de Design de Interiores na Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD), em 1994. Durante esse período, iniciou a sua participação em várias exposições e concursos de pintura. Em 2002 cruza-se com António Inverno, o Mestre que, com a sua humildade e sabedoria, passou para o artista as mais importantes técnicas e conhecimentos, as quais, até hoje, não deixa de empregar nas suas obras, nomeadamente o Equilíbrio das telas e os magníficos pontos de Luz.

O artista coloca, na ponta dos dedos, toda a sua paixão pelas coisas mais simples do nosso quotidiano, criando verdadeiras obras-primas que puxam do mais puro do nosso subconsciente, uma intensa curiosidade que culmina, sempre, com um incontrolável sorriso. Uma das características mais marcantes e reconhecidas na pintura de XicoFran é a forma como ele consegue representar o movimento preconizado pela silhueta de um músico, mais concretamente do músico de Jazz, transpondo para a tela o arrastamento dos gestos e toda a vibração dos instrumentos, temática que domina com um cunho muito pessoal e muito característico, cuja técnica e traço é já reconhecida mundialmente.



Ray

Com um futuro promissor e um passado inolvidável, XicoFran tem já obras pertencentes ao espólio de diversos amantes puros de Arte, em Portugal e no estrangeiro. Tem vindo a ser reconhecido com vários prémios nacionais e internacionais, sendo de louvar que, com base no continuado e sistemático trabalho que tem desenvolvido, se tenha imposto como uma forte e consolidada presença no mundo artístico.

Ž Mig

(José Miguel
Sousa e Andrade)

1980 / Porto



S/ título

Zan Mig “nasceu com raio de sol sua juba encanto...” Nasceu em 1980, no Porto, Portugal. Ainda criança foi para Angola, fez a escola primária na Escola da Dona Clemência, no prédio da Biker, em Luanda. Aos dez anos de idade foi viver para Portugal, onde completou os seus estudos, com supervisão da sua avó paterna, Dona Libânia de Sousa e Andrade, em Oeiras.

É um dos fundadores da Banda Musical “BILIEVE”, tendo participado em vários concertos: Feira Mix, Mercado da Ribeira (1997); Semana da Juventude, Lisboa (1999); Extreme Sporting Show, Cordoaria Nacional (1998/99); Voz do Operário, Lisboa (2000);

FNAC, Cascais, Colombo, Chiado, Porto (2000). A sua banda foi finalista no concurso Rockastrus 2002, em Esposende e, em 2001, funda uma empresa de jardinagem a qual tem uma duração de dez anos. Em 2015 regressa a Luanda, marcado por diversas experiências, sendo levado a por em prática os seus conhecimentos de pintura, ensinados por seu pai, José ZAN Andrade, artista plástico angolano. Algumas das suas obras expostas: “A Viola”, Acrílico sobre tela, 80x60 cm (2015); “Engarrafado” Acrílico sobre tela, 30x60 cm (2015); “Brincadeira”, Acrílico sobre tela, 300x150 cm (2016); “Expectativa” técnica mista, 100x70 cm (2016); “Lume” Acrílico sobre Tela, 100x70 cm, Oeiras (2016); “Samurai”, Acrílico sobre Tela, 100x70 cm (2017); “Entre mundos”, Acrílico sobre Tela, 100x70 cm (2017); “Sem título” Técnica mista, 100x70 cm (2017).

Zizi Ferreira

(Grácia Ferreira)
1973 / Luanda



Olhar do Silêncio

Nasceu em Luanda, Angola, em 1973. Depois de completar os estudos primários e preparatórios, concluiu o ensino médio de artes plásticas defendendo o trabalho final na área de escultura com o tema “Diferença conceptual entre estatueta e estátua”.

Foi aluna da Universidade Lusófona, em Lisboa, no curso de Arquitectura. Em Angola foi professora de Educação Visual e Plástica e Formação Manual Politécnica nas Escolas N'gola Mbandi, Colégio Sol Nascente, nos níveis I, II, III entre 1998 e 2001.

Para além da sua actividade na área da docência, tem participado como artista plástica em diversas exposições individuais e colectivas, em vários países, entre os quais Angola (Luanda), Cabo Verde (São Vicente), Cuba (Havana), Portugal (Lisboa, Estoril, Amadora, Águeda, Cascais e Porto) e Rússia (Moscou). Entre

as quais: Mostra de Arte Jovem, Ministério da Juventude e Desporto, Luanda (1995); 14.º Festival da Juventude e Estudantes, Havana, Cuba (1997); 1.ª Bienal de Jovens Criadores da CPLP, Cabo Verde (1998); 2.ª Bienal de Jovens Criadores da CPLP, Lisboa (2001).

Individualmente realizou a exposição “Mulher, Figura e Artes” – Museu Nacional de História Natural, Luanda (1997); Exposição dos Nacionalistas, Hotel Flamingo, Luanda (1997) e, mais recentemente, a exposição de pintura “Retrospectiva do In-Maginário”, em homenagem à mulher africana, Galeria Celamar, Luanda (2014) e “Nguimbi (Na Banda)”, no Espaço Luanda Arte (2016).

Algumas das suas participações valeram-lhe já diversos prémios, nomeadamente o Prémio ENSARTE, no SIEXPO, Salão Internacional de Exposições do Museu Nacional de História Natural, em Luanda, Angola (2012); o Prémio Juventude de Escultura ENSARTE, no Centro Cultural Português, em Luanda, Angola (2000); Menção Honrosa, no âmbito do Prémio ENSARTE, no Centro Cultural Português em Luanda, Angola (1998).

Artes Mirabilis

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos





PEÇAS
ETNOGRÁFICAS
Associação de Coleções
The Berardo Collection



Angola (e República
Democrática do Congo
e Zâmbia)
Tchokwe
Gongo cerimonial representando
Tshibinda Ilunga
Madeira, cestaria, ferro e latão
(59 x 13 x 8,5 cm)

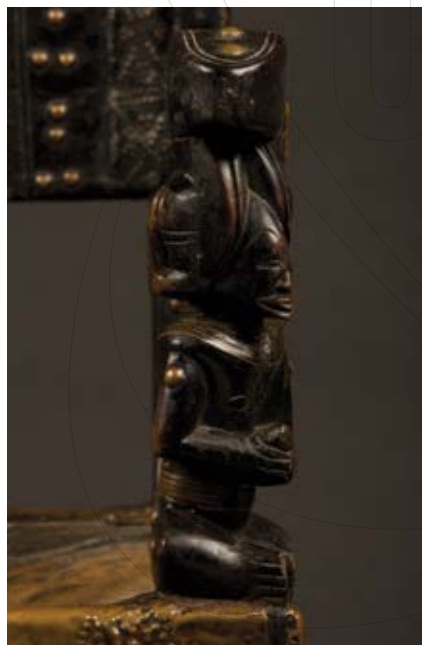
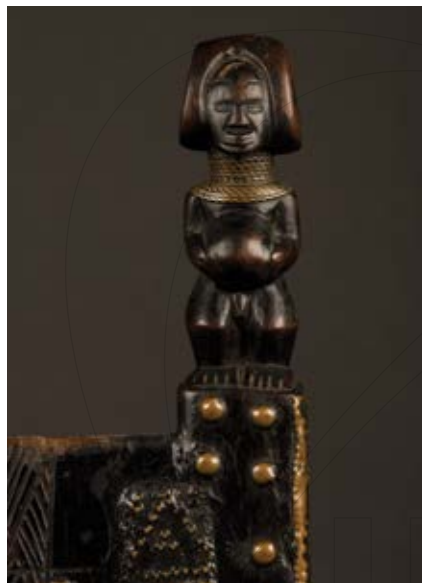


Angola
Luena
Figura feminina
de antepassado
Madeira
29 x 6 x 7 cm

Angola
(e República
Democrática do
Congo e Zâmbia)

Tchokwe

Madeira, couro
e pregos de latão
108 x 44 x 46 cm





Angola (e República
Democrática do
Congo e Zâmbia)

Tchokwe

Machado de mão
(cerimonial)

Madeira, ferro
e pregos de latão
50 x 23 cm



Angola (e República
Democrática
do Congo e Zâmbia)

Tchokwe

Machados de mão
(cerimoniais)

Madeira, ferro
e pregos de latão
43 x 24,5 cm



Angola
Luena
Bilha de água antropomórfica
Terracota
31 x Ø 31 cm



em cima à esquerda
Angola (e República Democrática do Congo) | Mayombe (?)
Estela com representação de ancestrais - Arenito, 26,5 x 27 x 3 cm

em baixo à esquerda
Angola, Huambo | Lunda, c. 1900~1906
Almofariz para moer Folha de Tabaco. - Madeira de palma entalhada. Pegas em forma de pássaros
unidas ao corpo principal por aros em ferro, 35,5 x Ø 18 cm

em cima à direita
Angola | Yombe
Figura feminina com criança, phemba - Escultura em madeira- 32 x 12 x 10 cm



Angola, República
Democrática do
Congo e Zâmbia
Tchokwe

Recipiente representando
Tshibinda Ilunga

Madeira
92 x Ø 25 cm



à esquerda
Angola | Tchokwe
Estátua representando Tshibinda Ilunga - Madeira, 47 x 18 x 16 cm

em cima à direita
Angola | Bakongo
Figura de poder, nkisi nkondi - Escultura em madeira com pintura, metal e espelho, 24 x 10 x 10 cm



Angola e República Democrática
do Congo
BaKongo

Escultura bicéfala Nkisi Nkondi

Madeira, pintura, pregos, metal e vidro
86 x 38 x 23 cm





página anterior
Angola | Tchokwe
Armário ou santuário (?) - Madeira, tachas e pele de animal,
64 x 20,5 x 15 cm

Angola | Luenia
Banco com cariátides - Madeira, 44,5 x Ø 35 cm



Angola
Luena (talvez Tchokwe)
Máscara Mwana pwo
Madeira e fibras
21 x 22 x 25 cm



página anterior

em cima à esquerda
Angola | BaYaka
Figura de poder - Cabeça em madeira, tecido, penas
e cestaria, 18 x 20 x 12 cm

em baixo à esquerda
Angola | BaYaka
Cesto com figura de poder - Escultura de madeira
com quatro cabeças, crânio de gazela, terracota,
cestaria, penas e pele de leopardo (?), 42 x Ø 27 cm

em cima à direita
Angola (e República Democrática do
Congo e Zâmbia) | Tchokwe
Máscara Mwana pwo | Marcas de escarificação na
testa e faces
Madeira, pintura, fibras e tecido, 33 x 16 x 12 cm

em baixo à direita
Angola (e República Democrática do
Congo e Zâmbia) | Tchokwe
Máscara Mwana pwo | Com marcas de
escarificação na testa e faces
Madeira, pintura, fibras e tecido, 23 x 14 x 8 cm

FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

CURADOR: Lino Damião

DIREÇÃO:

Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA

José Marcos Barrica, Embaixador de Angola em Portugal

COORDENAÇÃO GERAL: Rui Lourido, Coordenador Cultural da UCCLA

COORDENAÇÃO: Luandino Carvalho, Adido Cultural da Embaixada de Angola

EDIÇÃO, ELABORAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS:

Anabela Carvalho, UCCLA

Carmen Frade, UCCLA

Filomena Nascimento, UCCLA

Maria do Rosário Rosinha, UCCLA

Miriam Santos, Sector Cultural da Embaixada de Angola

Raquel Carvalho, UCCLA

Renato Costa, UCCLA

ESTRUTURAS: João Laplaine Guimarães e Carlos Brito, UCCLA

AUTORIA DO DETALHE DA PINTURA DA CAPA NO CATÁLOGO: Viteix

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO DO CATÁLOGO:

Catarina Amaro da Costa, UCCLA

FOTOGRAFIAS:

Anabela Carvalho, UCCLA

Com a colaboração de Carmen Frade e Raquel Carvalho, UCCLA

ISBN: 978-989-96607-9-3

IMPRESSÃO: Imprensa Municipal da Câmara Municipal de Lisboa

Janeiro de 2018

ORGANIZAÇÃO



UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA



REPÚBLICA DE ANGOLA
EMBAIXADA EM PORTUGAL

APOIO



THE
BERARDO
COLLECTION



RTP

RDP
ÁFRICA







Artes Mirabilis

Colectiva de Artistas Plásticos Angolanos

Albano Neves e Sousa
Albino da Conceição José
Álvaro Macieira
Ana Silva
Ana Sousa Santos
Andreia Pedro
Anna Rocheta
António Magina
António Ole
Armanda Alves
Augusto Ferreira
Binelde Hyrcan
Blackson Afonso
Boaventura Nzangela Simão
Carlos Bajouca
Carlos Ferreira
Cristiano Mangovo
Daniela Ribeiro
Dila Moniz
Dília F. Samarth
Domingos Barcas
Edson Chagas
Eleutério Sanches
Erika Jámece
Francisco Vidal
Gil (Gil Eanes Silva)
Guilherme Mampuya
Guizef (Augusto Zeferino Guilherme)
Hildebrando de Melo
Januário Jano

Jorge Gumbe
José ZAN Andrade
Kota "50" (Paulino Damião)
Júlio Quaresma
Ledani (Leda Baltazar)
Lino Damião
Luandino Carvalho
Luandino Vieira
Luís Damião
Márcia Dias
Marco Kabenda
Mário Tendinha
Nelo Teixeira
Patrícia Cardoso
Paulo Jazz
Paulo Kapela
Raul Indipwo
Roberto Silva
Tânia Dominique (Projecto MuArte)
Tucunaré (Mário Lopes Júnior)
Valentim Caterça
Van (Francisco Van-Dúnem)
Vénus Ivy (Projecto MuArte; Ivânia Sobral)
Viteix (Vitor Manuel Teixeira)
Xicofran (Francisco Fernandes)
Z Míg (José Miguel Sousa e Andrade)
Zizi Ferreira (Graça Ferreira)

PEÇAS ETNOGRÁFICAS (Associação
de Colecções The Berardo Collection)

Galeria de exposições da UCCLA | Fevereiro/ Abril 2018

ORGANIZAÇÃO



UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA



REPÚBLICA DE ANGOLA
ENTENDADA EM PORTUGAL

APOIO



THE
BERARDO
COLLECTION

